

SILVA CARVALHO

VIDA

PORÉTICA EDITORA



A ESCRITA NO SEU PORMENOR MATERIAL

SILVA CARVALHO

VIDA

PORÉTICA EDITORA

PRIMEIRA PARTE

I

Súbito este desejo de escrever.
Escrever qualquer coisa, palavras e gestos,
para que a minha liberdade de homem não se sinta ameaçada.

Estou terrivelmente desperto
e sofro.
Medo, suado medo este que me arrefece,
estou no inolvidável café,
escrevo.

Dor.
Caos.
Dispersão.
Deserto.
Queda.

Hoje sobretudo, este inusitado desejo
de percorrer impossivelmente a vida,
este anelo,
esta vontade,
este delírio.

Sinto, à maneira de uma estátua, o redor,
as folhas de um livro, a estesia do mundo moderno.

Estou tão vivo!
Isto é, não estou.
Voo, arvoró-me ao imerecido,
clivado em mil fragmentos da loucura,
incapaz de me reter, de me conter,
capaz contudo de assinalar no branco o desespero.

Recolho-me ao inominável:
digo:
floresta, água, abrigo.
Repito as palavras, altissonantes desígnios:
amor, ódio.

Estou num café da cidade deste mundo,
não choro.
Inconfundíveis gritos surgem-me à superfície,
temo a explosão definitiva,
o esgar do medo desprotegido,
sei que sou um naufrágio.

Sei que sou um naufrágio.

Paro.
Levanto os olhos.
Homens e mulheres que vivem, que falam.
Burburinho, azáfama ociosa,
escrevo no século vinte, amor.

Escolhem-me as palavras.
Fora da estética moderna, estou.
Escrevo, subitamente lúcido por dentro,
estes novíssimos sentidos de hoje.
Escrevo cego e mudo, dorido por fora,
incapaz de compreender o homem e o mundo.

Estou perdidamente de fora.
Nem as palavras me salvam.
Nasci cedo demais, e longe.

Quero inscrever neste papel neutro e disponível
a minha estadia sobre a terra:
recriar o mar e a primavera
no sítio da calcinação e do terror.

Carros que passam, lembro-me, súbito lembro-me
de outras cidades carcomidas pela morte,
casas que habitei,
espaços desconhecidos onde pus a esperança,
tempos coisificados,
épocas da vida passadas no tumulto do fogo.

Parece que li muito.

Disseram-me que havia um mundo a descobrir,
seguí pistas, falsas e verdadeiras,
sem tédio nem inteligência,
homem no meu limite de carne e osso.

Que aprendi?

Reflecto.

Diz-me, que aprendi?

Acaso compreendi o meu destino liberto?

Deixei de sofrer?

Juntei-me definitivamente às coisas?

Aqui estou, o mesmo, outro.

Enlouquecido pelo quotidiano isento,
impotente para resolver os meus problemas,
e são tantos e tantos!

Tenho vinte e oito anos e nada se definiu.

Tudo como sempre, na mesma.

Envelheci à medida que nascia jovem.

Não sei quem sou.

Frases, frases, só frases!

Estou farto, cheio, não posso mais!

Quero mudar de vida, mudar de rumo,
quero conhecer outros caminhos,
outras faces de mulheres e de homens,
quero dizer ingénuo outras línguas.

Não consigo sobreviver nesta sociedade.

É um facto.

Todos os dias são crises,
todos os dias são gastos.

A família, as ocupações diárias, a rotina.

Não posso mais, não posso mais!

Terrível dor de cabeça!

Nunca mais saberei viver a mediocridade:
é o visceral que me impede de rastejar,
de aceitar as coisas, os liames, os homens.

Instituições, fogo!
Leis, moral, responsabilidades, fogo!
Compromissos com o tempo, fogo!
Modernidade como receptáculo do medo, fogo!

Não estou aqui,
vogo voraz verdadeiramente novo.
Não ficarei ali,
viajo veloz verdadeiramente eterno.

Eis-me consciência em fogo,
culpado e isento,
sobretudo além daquilo que escrevo.

A minha loucura é.
A minha loucura acende.
A minha loucura inquire.
A minha loucura abre.

A tarde sem dúvida começou.
Amanhã é dez de junho, dia de não sei quê.
Está calor, mas o café arrefece.
Perverti o sentido literal
e liberto-me das correias ideológicas.

É claro, minto.
Porquê? Porquê esta vil necessidade de sinceridade se toda a
modernidade portuguesa vive sob o mito do poeta é um mentiroso?

Surge Pessoa.
Amigo e irmão, o mais que compreendido,
o nitidamente incompreendido.
O herói do prostíbulo que a literatura é.
Amanhã, lembro-me, é o dia de Pessoa.

Estranha contradição, a condição humana!

Que faço aqui? Aqui, sempre aqui,
mesmo que seja além ou noutro sítio?
Não poder invocar ninguém!

A solidão clama divindade.
Impossível sonho.
A utopia.
Vivo-a como um possesso possuído de náusea.

Nasci neste mundo porquê?
Quem são visceralmente os meus pais?
De que país sou eu?

Pudesse escrever bem o mal que sinto!
Pudesse emendar o século com palavras castradoras!
Pudesse ao menos imitar os poetas favorecidos!

Sou infeliz.
Como dizer de outra maneira?
Sou infeliz.

Poesia, pó e azia, a brincadeira séria.

Finalmente surge o cansaço, a inapetência.
Dentro e fora.
Dói-me a cabeça de tanto não ser.
Quiçá amanhã, não, não mais a esperança.
Estou só, na terrível disposição de viver.

De continuar caninamente a viver:
vegetar, ruminar, perecer no dia a dia.
Estou decidido a pôr fim ao fim.
Mas como?

Friamente escrevo a ousadia de ser outro.
Cada palavra que engendro reage ao medo.
Cada verso é um navio navegando degredo.
Loucamente desfaleço debaixo deste sol.

Fiz-me quem? O quê?
E para quê tantas perguntas?
Nada jamais será revelado,
para quê a pena, o esforço, o desassossego?

De cada vez que me esventro, esventro outra desdita.
Estou sempre além, no outro limite, no caos.
Deflagram tensões anímicas, soffro, coagulo,
dessinto-me completamente, puro devir escrito.

Ah! se isso fosse verdade!
Ou humanamente possível!

As portas, do ser como do destino,
perpetuamente fechadas e inacessíveis.
As portas suicídio, loucura.

Houvesse um ódio ou um amor.
As concepções do universo deterioraram-me,
as doutrinas dos contemporâneos deixaram-me lívido.
Sim, estou de fora.
Perdi o barco, o comboio partiu sem mim.
Aborto abortido na estupefacção do mundo.

Desce talvez sobre mim a acalmia,
doce membrana do cansaço, postremo vislumbre
que a magia desconhece.

Vejo, subitamente vejo o real que me rodeia,
estou sentado nesta mesa febril de um café,
é sedativa a prossecução do meu desânimo.

A inspiração não é um mito.
Mito é pensar-se inspiração.

Estou mais calmo.
Esqueço-me de tudo, em tudo me perco.
Ah! o jogo, e o espelho.
Maldito brilho.
Sim, muito mais calmo. Extenua-se o fogo,
restam, suaves e quentes, as cinzas.

II

Mas não esgotei tudo.

Omiti.

Não escrevi talvez o mais importante,
o que realmente me preocupa.

Tabu.

A palavra teme o conflito, testemunha a morte.

O que palpita, insalubre e desregradamente,
é-lhe inacessível.

Como pois ir mais longe?

Sê sincero!

Abre-te efectivamente,

não para produzires sentidos confortáveis,
mas para te aperceberes da extensão do desastre.

Diz!

Não sei como começar.

Diluem-se o princípio e o fim,
nebulosa e névoa, turbilhão infindo.

Diz: Já não amo.

Repete, tem a coragem de lucidamente
te ferires com o que está mais que revelado:

Já não amo.

Pára.

Levanta os olhos do papel onde escreves
e dispersa-os em volta.

Não medites. Não penses.

Sê nulo e absoluto.

Nada rodeado de nada.

Esquece que nasceste, que vives consciência,
que a morte, truísmo e horror, te espera.

Nada disso é importante.

Diz mais uma vez, e sente:

Já não amo.

Sim, agora, talvez tudo seja possível.
Arquitectura no lazer dessa descoberta
outra esperança num espaço mais propício.

Não te precipites.
Calma.

Calmamente responde: que vais fazer?
Reflecte, responde.

– Não sei.
Não sei.
Não sei.

Lembra-te que humanamente podes tudo refazer.
O perdido, e não é tautologia, cifra-se pelo perdido.
Passou. Desliga-te!

Em frente, na imensidão dos possíveis, o horizonte.

Não a felicidade, paraíso ou ilusão:
outra coisa.

Não me perguntes o quê. Mas outra coisa.
Sei. Intimamente sei, visceralmente sei:
outra coisa.

Todo o teu ser, inacessível brilho,
exige de ti que obedças ao apelo:
só assim atingirás a fragilidade da vida.
Só buscando encontrarás o sublime da tarefa.

Talvez não haja um fim, nem um começo.
Talvez, afinal, tudo seja mentira.
Talvez sejas uma estranha roda
que gira,
que gira
em torno de insuportáveis sóis,
na loucura de seres lambido pelos raios
que, ao darem a vida, queimam o destino.

Digo-te: Não tenhas medo.
Já conhecestes o desastre,
a primavera, o encanto secreto do mundo,
nada te surgirá completamente desconhecido.
Não tenhas medo.

III

Súbito, como uma revelação, esta angústia:
face de mulher que se demora em mim.
Um ser humano, dizem.
Olhos límpidos como a natureza exige,
fixos nesse ponto em que eu estou.

Esta inexequível angústia:
vivo!

E, súbito, este choro brotando do vazio anímico,
os olhos tentando captar o mistério do outro.

IV

Leve dispersão sulcando identidades ilusórias:
dor de corpo, efervescência do espírito, vigília.

Sonho contudo no simulacro idealmente mentido:
ser vaivém na abertura terrível de um delírio.

Opacidade de formas no nevoeiro da consciência:
vozes desencontradas e lares insípidos da ausência.

Vou escorregar através do insentido até ao vago?
Origem da palavra desconheço a palavra da origem.

Nada e tudo e vagas mergulhando no clímax escuro:
estou incapaz de ser e se sou alheio-me de tudo.

V

Por vezes pergunto-me:
quanto mais tempo ainda?
Quanto ainda por sofrer?
E quando a impossibilidade
orgânica de evitar a loucura?

Não, não quero ser louco.
Que para sempre reconheça o dia e a noite,
as horas e os ciclos, as estações do homem.

Simples.
Aqui uma pedra.
Ali um regato.
Pombas num voo resplandecente:
azul fendido de branco,
movimento.

Nasce o sol, põe-se o sol.
Maravilha a pura estadia do homem que sabe.
Que sabe o limite e vive e morre.
Que faz filhos e cria-os na memória.

Tão simples! E já tão longe!
Onde abandonei o caminho?
Em que encruzilhada?
No caminho para o nada
sofre-se a dor e a alegria.

VI

Vem-me, súbito, uma vontade de matar.
De aniquilar em mim e nas minhas mãos
tudo o que seja vida.
De derrubar, estripando, os laços ignavos
que me ligam aos homens que odeio.

É uma vontade suprema a todas as vontades,
um anelo premente e quente,
louco, que me deixa rubro de desejo,
sem saber o que fazer para me apaziguar.

Ouçó vozes, longe, choros de criança.
A minha filha!
Chora sozinha no seu berço de enganoso.
A minha filha!
Não sei o que fazer. Lanço-me contra as paredes,
estilhaço-me.

Sangue nas minhas mãos:
os olhos ofuscados pela inexistência do fulgor,
os olhos macerados pela violência do ódio,
os olhos dilacerados pela inclemência do destino.

Crio e destruo.
Deus, homem e mito, isso tudo,
e tão pouco!

VII

Convulsamente escrevo:
escravo de desígnios impossíveis,
firo-me no mundo como chama e aceso rubro,
para que fiquem umas cinzas no vento.

Convulsivamente refugio-me na matriz
das palavras consoladoras,
o gesto irrequieto,
ausente o ser,
na presença do desgosto e do desprazer.

Queimo-me na confusão dos dias:
volatilizo-me como um mal impossível,
choro sem atingir o clímax das lágrimas,
a vida é este tirocínio do riso impossível.

Sofrer as palavras, nas palavras:
ritmos e deslizos de sentidos ignóbeis,
estou no mundo como uma esfinge maldita,
a pergunta que elaboro destrói-me o espírito.

Esta é a poesia de uma estranha queda:
no tempo, se isso ainda significa,
no espaço, berço e cova, caminho,
esta é a erosão culminante de um homem.

Morte como fim. Agora, já. Medo.
Terrível medo de dar o passo apetecido.
Quero morrer para sonhar o mundo.
Viver já vivo, homem diante do absoluto.

VIII

Perdi a faculdade maior de dominar a dor.
Nem as palavras me traduzem conflito e batalha.
Trabalha-me a loucura como se fosse criação.
Jazo fulcro de uma dispersão que atinge o ser.

Há a irrisão. O riso ablutor. A maldade redentora.
Há a inimizade como garante de uma vida melhor.

Solidão. Sal e dom. Dádiva do infortúnio
àqueles que ignoram as especiarias do crime.
Estou cada vez mais só. Afasto-me de mim mesmo,
espectro galvanizando a angústia insuportável.

Agora sou. Ternamente abjecto, solto na tensão
que me rasga corpo e espírito, o olho olha.
Terrível! Terrível!
Caudais de fogo no rio que lava a pureza humana.
Lavas e projectos irrompendo do nada sublime.
Terrível! Terrível!

Onde estou? Sou uma casa. Brancura das paredes.
Mito. A Grécia da luxúria. Ser e existir.
Alor. Tragédia, palavras submersas, inexequíveis.

Ganhei silêncio e um estranho sorriso libertador:
em minha frente o nítido declive que me estrangula,
atrás a montanha onde pensei comer a existência,
ilusão a hora, o feito e o desfeito, enigma outro.

IX

Para que nada fique na mesma.
Para que tudo mude, substância na ausência.
Por isso escrevo indeléveis signos da impotência,
clamando como um forçado que o homem escravo
escabuja no limite que a liberdade consente.

Liberdade! Puríssimo nome do incógnito.
Alvo para os momentos de ócio,
filosofia afastando-se do ser,
clivagem com o tempo,
ausência de um sentimento.

Possuir a desvergonha e o riso nefasto
que queima o mundo desfeito em ruínas,
em toda a parte pedaços de homens sombras,
aqui o esplendor mitridático de um crime sereno.

Aquele que fui bate à porta do incomensurável.
Receia a loucura mas é atraído pelo apelo inefável.
Aquele que sou treme como um vento arrebatador.
Dorme sob o olhar vigilante da dor e inventa ser.

Ah! o outro lado, terror e matriz, incógnito.
Acenam-me fulgentes flâmulas da perdição.
Já conheci a prisão moderna do mito humano.
Talvez no outro lado da porta a liberdade seja!

X

Quero regressar ao começo da viagem.
Esquecer tudo o que sofri como lição humana.
Falar com os homens como se ignorasse a dor.
Pensar as coisas simples que alicerçam a vida.

Quero colmatar com o meu prazer o vício do século.
Com o meu gozo pretendo cultivar a terra demente.
No desejo imponho a marca libertadora do caos.
Quero dividir a alegria pelos irmãos do homem.

Não se intrometam no meu ódio.
Basta-me o silêncio de uma culpa que não admito,
tudo que é mundo surge-me medonho e cruel,
não se preocupem com o meu amor.

Nem queiram com palavras doces apaziguar a dor.

A mediocridade imiscui-se na visão total de tudo,
aufiro de um facho que sombreia a existência,
aqui uma alusão à origem como mãe e calor,
ali o término da viagem no horror da eternidade.

Cego nos olhos que vêem espreito o delírio.
Estou calmo, friamente meditando no destino.
Paz nos pulmões, a alma isenta, o espírito livre.

Pressinto até o que não vejo: futuras cinzas
fertilizando as ruínas do meu descontentamento.
Mas perturbo-me e pergunto suado: até quando?

XI

Nada. Nebulosa confusa no acme do ser.

Dor.

Dor.

Tudo emergindo e desaparecendo.

Plenitude da náusea espiritual.

Amena sensibilidade sobre as cinzas.

Esgar.

Vômito.

Doença.

Tensão entre o dentro e o fora.

Explosão no revérbero de uma hora.

Estilhaços anímicos.

Silêncio.

Clivagem.

Dilaceração do corpo.

Não estou. Estrume do século: Poesia.

Brilho do além no aqui. Longe o revérbero
e perto a ausência. De quem? Minha?

Pura invocação ao nada.

Súbito, esta necessidade de dizer a alegria:
mito outro o declive que arrasta o génio.

Risos ablutores no seio feroz da loucura.

Cura pelo silêncio da profusão de enigmas.

XII

Já falo de aqui.
Imagem ou ficção, a dor da loucura.
Já falo do outro lado da porta.
Abre-se e tudo é nívea parede.
A casa não existe.
Opacidade da matéria no espírito.

Impossibilidade de nomear.
Saber é passar despercebido.
Sinto-me mais do que homem.
Mas não atingi a fímbria do mito.

Diz dor em cada verso imperfeito.
Dor.
Dor.
Diz dor em cada momento intemporal.

Rebento. Seco de uma impossível mediocridade.
Mas a loucura não inveja o mundo.
É.
Invoca-se como uma realidade pura.
Humano fica aquém e o além acena.

Sem vontade. Sem desejos.
Queda: absoluta perda dos limites.
Mentira, a verdade que se alcança.
Herança do futuro é o passado mítico.

Mas quem se compreende? Quem contém o ilimite?

XIII

Já o dia foge para a fogueira do sol.
Pureza!
Dizer sol sem palavras nem sons.
Essência!

Imagino a imaginação fora do ocidente berço.
Outros sentidos nos desígnios da poesia nova.

Quisera saber escrever e não ser poeta!

Livros escritos são cadáveres de mitos.
Sabê-lo deixa-me terrivelmente só.
Solidão do ser que se ignora.
Homem? Deus? Caminho no meio?

Estou secamente implantado na terra antepassada.
Tudo o que escrevo está escrito na história.
Nada possivelmente inventei: cinzas são poemas.
Engano maior o do tempo que nos encerra.
Mas a liberdade é um fim que chama e apetece.

Superficial é toda a revelação.
Ser é uma pele que sofre o sol das coisas.
Desengana-te: o limite é uma esperança.

Mas, ah! onde o rio de águas perenes?
A fonte do prazer?
A frescura de um verão contraditório?
Chuva sobre mim e etc...

XIV

Por vezes penso longas horas na impossibilidade
do meu destino.

Julgo que cometi estranhos crimes.

Onde?

Fui talvez injusto para com a vida no século.

Menosprezei a tradição carunchosa.

Dignifiquei demasiado a dor.

A dor!

Tudo o que me liga ao tumefacto e ao passado.

A dor!

Agora que deslizava para o clímax do prazer.

Vivi a alegria com uma tensão insuportável.

A dor esfarela-me, explora-me, desumaniza-me.

Tem graça! Já pensei o contrário.

Tanto tempo no turbilhão da vida,
os anos que ferem como estigmas erodentes,
homens que morrem e nascem e crescem,
jovens caras e novas vozes no mundo.

Memória: esta fotografia da minha história,
tão longe de hoje, insuspeito enigma realizado,
amargura e amor, clivagem no seio da morte.

Ouçõ a loucura como folha branca de uma estética.
Mar e revérbero, o êxtase aberto, fundo espesso.
Vejo o vidro que me separa da ideia do real,
puro apelo, ânsia e suor, terra calcinada do desterro.

Passam por mim voos do insubstancial.
Silvos do desejo no marulhar dum amplexo.
Mulheres nostalgicamente perplexas no deserto.
Vida, pura loucura de um universo tão perto!

XV

Acordo depois de ter vivido o nevoeiro e a dor.
Reconheço os objectos do redor,
a manhã que ilumina,
os cheiros da terra intercisos,
a maravilha lúcida de estar ainda vivo.

Levanto-me em busca da água.
Fria.
Ponho a cabeça nos seus veios líquidos
e descanso da tempestade anímica.

Leve a impressão de ter atingido a paz.
Ou só ilusão.
Estremeço na alegria de saber-me só
e pela casa deserta evoluo como um espelho.

A cultura é isto.
Sem saber porquê.

Depois regresso à cama desfeita
e no caderno dos dias escrevo palavras
que me dito,
tentativas talvez goradas
de captar o momento e o seu brilho.

Paz! Silenciosa harmonia rodeada de conflitos!
Não quero mais nada: reconheço-me.
Sou quem tenho sido, por agora basta-me.
E sou feliz por me reencontrar destroço.

XVI

Fixo absorto a brancura aérea do tecto.
Vazio apelo ao nada.
Dentro de mim passados na memória
percorrem os caminhos do espírito no lazer.

Passou a dor.
Desapareceu a venda da alma.
Eclipsou-se o muro da inteligência febril.
O compacto na sua opacidade vulnífica volatilizou-se.

Há uma frente transparente
no espaço onde evoluo. Ar.
Há uma diáfana evidência em torno de mim.
Só eu sou carne e resistência.

As distâncias retomaram os seus lugares.
Aí estão os objectos que o mundo consente.
Eu sou outra coisa.
Longe e perto edifico uma vontade.

Cedo talvez para falar do prazer.
Desejo de fruir de uma maior liberdade.
Como?
Como pactuar com o mundo sem sair escravo?

Escrevo feliz por não ter sucumbido.
Deserto na alma que se atulhou de delírio
contento-me com a vida,
simples existir na complexidade de tudo.

Vejo. Vejo e ouço. Sou eu.
Homem ou outra coisa, sinto-me eu.
Que alívio!

XVII

Limpidez a deste silêncio que me inebria!
Manhã lúcida,
eivada aqui e ali de ritos do quotidiano,
luz jovem como um súbito parto.

Sinto-me bem!
Plasmado à odisseia que me terebra o espírito,
fruindo agora de um momento pacífico,
aberto e disposto a sentir-me homem.

Não há na terra maior amor!
Viver simples da vida.
Isolado das filosofias espessas
que galvanizam a tomada do poder.

Só um poder: não ter.
Tudo o mais é ficção ou alarmante mentira.
Ou estúpida verdade.
Gozar é o verbo do infinito.

Homem: começo e fim de um sonho.
Rodelas do anímico no altar profano.
Pesquisa do ilimite com a necessidade de casa.
Estrelas longe quando a noite reina.

Homem!
História louca de desígnios falhados.
Tentativas infrutíferas e engulhos.
Enganos e desmedidas: homem!

Quem escreve desconhece sempre o outro sítio.
Só um lugar banha a escrita.
Este que se vive no centro de tudo.
Para além o incógnito, no incógnito o mito.

XVIII

Puro nada!
Silêncio na alma, paz na consciência.
Puríssimo olhar que não desvenda.
Acarício as coisas que me dizem homem.

Obstáculos vencidos, quero crer.
Dimensões perfeitas as do absoluto.
Rituais que dignificam a vida humana.
Devir no ensimesmado meditar impoluto.

Como se banhasse na própria diafanidade!
Leve como um alor, ou voo de pássaro por fora.

Azul a luz de hoje.
Manhã, deriva do sol na terra antiquíssima.
E eu tão novo!
Saído ainda ontem do sonho impossível.

Não sei se as coordenadas da terra subsistem.
Sei que sentir é já uma alegria feliz.
Sei que viver a harmonia é uma dádiva eterna.
Agora que na hora permaneço como um véu.

Ouçó águas que correm nos leitos insubstanciais.
Vejo tudo como profusão de utilidades no seu lugar.
Sinto um calafrio subterrâneo: não é um sonho.
O real surge como uma revelação translúcida.

O real! Grandes as batalhas e os gastos mortais!
Grandes os conflitos que opõem essências!
Ou tudo mentira? Ou tudo cegueira?
A dor, impossibilidade possível, também um sonho?

Quero crer que sou.
A indefinição é o pior dos castigos!

XIX

Sob o sol caminho.
Calor na terra que sobe como um braseiro.
Vegetação rasteira, verde e amarela.
Secura na garganta e suor na pele.
Vou.
A sombra acompanhando os passos que dou.
Outros homens e outras mulheres: vão também.
Crianças que brincam nas vozes e risos.
Eclosão.

Esqueço completamente o século que me rodeia.
Revejo-me nu e caminhando de pés descalços
na pré-história de mim mesmo.
Uma força telúrica enche-me de esperança.
E de tragédia.

Apetece-me gritar. Ecoar a voz pelos montes.
Hoje seria o dom da loucura.
A civilização poliu as arestas do animal
e fabricou um espantalho com medo da carne.
Sei porque sou-o.
E dói.

Caminho regressado ao tempo que me dizem meu.
Outros homens passam, depressa ou devagar,
vestidos como eu,
com possivelmente os mesmos problemas,
átomos sem comunicação.

A casa, abrigo e paz, é também uma prisão.
Digo-o porque o sinto.
Tudo contém as duas faces antagónicas:
numa brilha a vida, na outra fere a morte.

XX

Queimo-me para assistir à queda de um sonho.
Labaredas e gases, fumos subindo como mãos doidas.
Eis-me...

Acabar, acabar de uma vez!
Mas acabar o quê?
A vida?
Oh!
A vida??
Realmente???

Continuo a escrever razões e desditas,
larvarmente próximo do limite humano.
Continuo o tirocínio da palavra ativa
como um desejo que se quer ver realizado.

Estou só e acompanhado.
Duas as faces que a esfinge ignora.
Estranho nunca foi o sorriso da aurora.
Trágico, trágico e nítido, o destino do homem.

Escrevo como se desmerecesse a loucura.
Digo mal.
Escrevo para não merecer a loucura.
Digo mal.
Escrevo porque desconheço a loucura.

Desígnios, alarmes, lutas: este problema insolúvel!

Viver, a dor e a alegria,
a sombra de um gládio sobre a cabeça,
e um corpo de mulher no chão irremeável.

Até quando? Até quando?

XXI

Súbito, o esplendor!
Água e tempo, estou só e vivo.
Vivo!

Torrentes de sentires e pensamentos árdus.
Clareira, olho do infinito no atrito da pátria,
a Poesia,
paz e silêncio que fala.

Digo as palavras usuais dos sentidos últimos.
Revelação de algo que não se define.
Alor!
Puro ímpeto e nítido impulso do vazio.

Ondas: sobre a praia o sol, calor e algas!

Silvo. Fenda no espaço como beijo do absoluto.
Sol!
Tão perto a luz, o brilho espelhado nos estilhaços.
Alma!

Lúcido caminho ao longo do rio, viagem e acaso.
Vejo com os olhos da cegueira,
ouço com os tímpanos do sublime,
sinto a carne, as veias, o sangue quente.

Vermelho a desabrochar! Vulcão e vagas!

Súbito o desejo de permanecer estático e feroz
como a ideia que se faz do deus profano:
a natureza reluz, a realidade ressurgue outra.

Puro deslize do ignóbil grito: sei.
Êxtase e porto, a muralha e o cio: sei.
Palavras! Pedras do insubstancial no tempo.
Clamor de desígnios: a outra odisseia: vida!

XXII

Sei apenas que não é suficiente saber.
A vida ultrapassa de longe e de perto a consciência.
Nascer e morrer: dádiva e perda: destino.

Maldigo o puro obstáculo que introduz castigo.
Repudio a dor como inexistência do sentido.
Odeio as lágrimas que a escuridão espreme.

Amo a aventura do homem sob o sol e sobre a terra.

Mas no verbo amar vejo uma novidade que anula o passado.
Que admite só o presente.
Que deseja veementemente o futuro de outro homem.

Um amor plural.
Distribuído sobre a população da terra.
Um amor que brilha e faz brilhar as coisas.
Um amor de humanos e de objectos.

XXIII

Fímbria a pura eclosão de um sentido vivo!
Resvalo e penetro na luminosidade de tudo.

Treme a terra: sigilo.
Solta-se o sol: deriva.

Respiro o lívido esplendor de uma presença.
Aspiro ao silêncio.
Refluo como uma incidência da memória.

Paz e pão: aurora.

Eis-te poema, húmus do eterno.
Estranha aventura do desespero.
Alegria e sofrimento: a casa arde.
Corre o vento. Outro sentido: amor.

XXIV

Olhos.
Deslizando como uma carícia sobre o redor.
Mundo.
Terra.
Vejo o sol nesta dimensão irreal da matéria.

Casas, homens e mulheres, tarde de primavera
na gratuitidade caótica das estações ordeiras.

Subindo e descendo:
mas sobretudo esta impossibilidade de descrever!

Recomeço:
Sol na tarde que periclita:
este tom em tudo o que é humano,
sobre as coisas:
casas espelhadas ao poente,
ruas e ávidos carros casuais que passam.

Lembro-me: terra perdida!

Olhos com cultura.
Inseridos na história do homem.
Nascidos e crescidos no sofrimento.
Digo, vejo!

Vejo as pessoas na rua que passam vultos.
Começa a noite.
Não ser verdade!
Cai a escuridão.
Lentamente me afasto da clivagem dos olhos.

Desconforto: ser.
Estar aqui a escrever: esta impossibilidade.
Porquê? Porquê um apelo sem resposta?

XXV

Digam o que disserem: o passado passou.
E não há olhos para julgar o presente.
Só o futuro, ausente, mentirá dizendo que compreendeu.

Chama a esta aventura cultura.
Flutuante asa de um inóspito voo.
Fome, pobreza, cinzas de uma criação.
Inteligência, sensibilidade, ousadia.

Cada dia traz-me uma outra poética.
Na noite desfaço a construção do dia.
Refaço o périplo como um mito são.

Sofro manifestações do absoluto sem ideia de deus.

Como a matéria da terra
e acaricio o corpo da mulher:
mas há uma outra realidade:
o êxtase, mentira ou invenção.

Necessidade.

Acaso iniludível, arrojo da sensibilidade, ficção!

Este vago menosprezo pela superfície do mistério:
a busca ao profundo: essa ideia de cultura aprendida.

Ilusão! E depois?

Viver cada dia é uma árdua empresa.
O tédio desequilibra a ordem do homem
e a indiferença apodera-se da carne.
Súbito, uma fenda nas malhas do real:
sonho ou miragem: um apelo profícuo
que fertiliza o destino com grandeza.

XXVI

Sinto esta necessidade impossível de sentir.
De chamar a mim tudo, real e imaginário,
para poder colmatar este vazio insuspeito.

Preciso de ignorar a ausência das coisas
nas coisas que me rodeiam, servis objectos!

Minto?

Não há ausência nem vazio. Repito.
Não há ausência nem vazio. Acredito?

Saber é apostar em nada.

Vive-se entre mil águas do desespero
mas só se vê a alegria do engano feliz.

Dá-me a total ilusão de uma serenidade.
Quero.
Dá-me o brilho de uma tarde excepcional.
Quero.

Sempre quis tudo.

Herdeiro de um absoluto que se perdeu no caminho,
incompreendido pela memória que o futuro cria,
riem-se desta tentativa de eternizar o presente:
ser, sol no cimo do homem que ensombra a terra.

Ah! e a esperança?

Imagem perpetuamente renascida na tempestade,
ou fulgência de um fóssil que desertou o homem?

Saber! Saber a terra: homem e outra coisa!

XXVII

Nunca senti tanta necessidade de escrever.
Na alegria e no prazer.
Na angústia e no medo.
Escrever sem parar para reter o universo.

Para me reter.
Instantâneo da dispersão:
cogumelo de estilhaços:
alma e futuro.

Marginalmente inscrevo-me ao lado do homem.
Aborto ou desrazão, desmereço a civilização.
Não contenho nenhum segredo: daí o castigo.
Transparência da vida no seio do homem vivo.

Testemunho e invenção e profecia.

As palavras libertas, contradizendo tudo.
Estigmas do presente que dilacera a dor.

Achados geniais: os olhos cegos, as mãos dúbias.

O mundo. O social. A política.
A terra. O indivíduo. O sonho.

Utopia: imagem obcecante de mim mesmo
noutro lugar do universo, com outra gente.

Pacífica materialização do meu descontentamento.
Viver o impossível como na casa do ser ausente.

Tudo mal, tudo bem.
Contradição: o pão e o fardo: o nó humano.

XXVIII

Da pura perda.
Sem razão.
Da palavra lançada no alcance do ser.
Possível a remissão?

Certos sentidos larvarmente louvaminheiros:
esgares da carne quando o espírito viaja.

A vida. Gesto de quem liga a pedra ao vento.
Puro êxtase, a aurora tenazmente impossível.

A realidade: contradição.

Vou no caminho explorado pelo sol do meio-dia.
Reflecto nos anos que já vivi:
uma inexplicável ternura tolda-me os olhos.

Raios e esplendores: o verde da vegetação
forrando o amarelo desértico da terra seca.

Homem aqui estou.

Já com um destino: o passado que se esfarela
na ilusão de tudo ser finalmente tempo.

Fui jovem de outra maneira.

Esquecerei algum dia que a dor é o eixo da vida?
Perderei o sentido do mutável na velhice anímica?

Perguntas. Caminho e está sol. Calor e suor.
Caminho com a angústia moderna da questionação.

Esta a clivagem que estilhaça o homem:
ponto morto do impensável como contingência!

XXIX

Cada poema de hoje é uma tentativa de meditação.
Cada duas palavras pretende significar sentido.
Nasce contudo fracturado o discurso poético
que plasma à realidade a necessidade da comunicação.

Nem governa a inteligência nem a intuição.
Age a cultura que fica na consciência dorida
como um agente catalisador do espasmo anímico.

Tudo se resume ao termos que desaparecer.
À árdua viagem de uma aprendizagem medíocre.

Quisera escrever felicidade no rosto da terra.
Inundar o homem de orgasmos capazes de eternidade.
Quisera fundir o corpo ao real, miragem absoluta
de uma angústia que se acha sem se encontrar.

Fricção: lembra-te do amor!

Gemidos e grunhidos, embarcados na tensão sexual
que nos embala, nos cobre de uma poalha finíssima.

TEMPO! ESPAÇO!

Levanto-me do chão da terra coberto de lodo:
pulsa-me o coração, o sexo em riste, anelante:
um olhar para o azul do céu tão nítido:
grito que fende os ares e atemoriza as águas:
sou! Sou homem e vivo a terra! Estou!

Depois, maciamente, resposta ou indiferença,
o silêncio. Sem mais nada. Nem ideias nem juízos.
Silêncio na impossível pureza sem homem.
Caio sobre o lago e deslumbrado fito os meus olhos.

XXX

O sentimento inglório talvez de ter visto.
Mística é uma palavra que deteriora o presente.
Cabe ao futuro medir, no engano, a hora escrita:
é um poder inumano o daqueles que vêm morrer.

Há, todos sabemos, a rotina de um quotidiano datado.
As sensaborias agridoces de uma mediocridade saudável.
Os amores humanos que afloram ao fruto da pele.
Anos de vida que deslizam como água imponderável.

Súbito, miragem, mentira ou pura ficção, o sonho!:
outra coisa, paralela à existência, chamando:
o Ser.
Despedaçar da memória na confusão do passado morto.
Clivagem no espaço, abertura para o infinito aflito.

Caminhamos na desmedida como se nada fosse:
compreendemos os sinais do exterior e dos outros,
trocamos confidências e revelamos alma:
quantas vezes suspeitamos da posse da comunicação?

Seria demasiado árduo, sei.
Conter em cada segundo a morte diante dos olhos.
Esquecemos. Ignoramos.
Longe, bem longe, o horror da noite ser noite.

Insidioso brilho o da existência sem mais nada!

Esquipático temor, o medo, delído da consciência,
para que tudo o que constrói homem seja possível.
Sei. Aprendi fulgurantemente na solidão do silêncio.
Loucura alicerçada ao diapasão de uma pergunta essencial.

Passam, cegamente passam, felizes e parcos,
os homens que não atingiram a esfinge:
ser eu,
incapaz contudo de dizer de onde a onde.

SEGUNDA PARTE

I

O vinho.

Longos anos sonhei no exílio com a solução:
afogar a dor.

Viver súbito aéreo e sem sentido no insentido de tudo!

Realizei o sonho?

Entre mim e a realidade este vago flutuar das distâncias.

Corro veloz e calmo recito a obediência.

Qual?

Qual o caminho do futuro para a paz individual?

Estou náufrago das misérias volvidas.

Estupidificado pela idade que envelhece.

Já não percebo os outros na fala que debitam.

Sinto-me sem sentimentos: estou de fora.

De quê?

Entre o mundo e eu este espaço de ninguém.

Inviolável lugar do impossível.

Fímbria do destemor que se ignora.

Aqui, isto é, na escrita, o destino do homem.

O vinho!

Fantasia do tempo no milagre do deserto.

Frases escritas como inscrições no mistério.

Qual o brilho que povoou a terra?

Vozes, longe, vozes que definem o século.

E eu no meio!

Clivagem e medo, tempestade de sentidos,

inteligência incapaz de abarcar o mundo,

vida ímpar na confusão do tédio.

Eu, escrevendo sentido no enigma!

II

Novamente só.
Perdi na incompreensão temperamental a jovem família.
Regressei ao dantes, como se tudo fosse.
Vou na rua e falo comigo próprio.
Vejo a sombra.

A cabeça palpitando como um coração.
Ou o contrário.
Frases ditas que rumino agora.
Ideias apodrecidas na memória.
Perdi um estranho hábito:
ser homem e pai.

Os dias são longos.
O calor de junho aquece as praias,
milhares de pessoas junto ao mar.
Maresia e marulhar.

Passeio displicentemente a disponibilidade.
Insinua-se o medo do futuro.
Que vai ser de mim?
Que pedras tropeçarei?
Que escolhos enfrentarei para sobreviver?

Estranha a vida!
Melhor: estranho-me vida.
Não sou outro.
Aquele que acordou ontem
continua hoje o dia.

E depois a realidade, as obrigações, a rotina:
medo!
Quero vencer o ódio que me define.
Quero abrir-me à razão despovoada.
Quero ser feliz na terra dos homens.
Medo!
E antes de mais nada, a solidão antiga.

III

Como uma criança reaprendo os gestos.
Outros gestos, outros movimentos.
Espraio o olhar noutros horizontes.
Medito outra vida, ignorada ainda.
Digo novas frases ainda ontem impossíveis.

Sofri.
Cometi um horrível crime.
Abandonei a prisão e o castigo.
Deixei aqueles que me foram próximos.

Não podia mais.
Não sabia mais o que fazer.
Incompreensão e desentendimento:
pão quotidiano que comia.
E um verme a roer-me a alma.
E uma voz que me dizia:
foge, volatiliza-te, desaparece.
Aqui não é o lugar da vida.

Pensei ser feliz!
Caí na armadilha como um ignorante.
De nada me valeu a inteligência maldita.
Tive que obedecer à carne para ser.
Para ser homem e completamente.

A chama não durou muito:
ténue escama de uma horrenda carcaça:
os muros da casa, as paredes brancas,
dentro a confusão e os insultos.

Passou.
Mais tarde ou mais cedo tinha que acontecer.
Mas a vida continua.
Monstruosa e divina,
dupla como eu nunca a saberei viver!

IV

Sinto-me esdruxulamente sereno.
Finjo que vejo o mar.
A tarde declina.
Vozes algures bem perto.
Estou.

Tauxiado nesta luminosidade impossível de dizer.
Contendo no pulso os minutos que soam.
Esperando.
O dia volvido.
Outro dia desperdiçado.

Sinto uma finita paz em meu redor.
Olho as mãos e vejo-as nítidas.
Nem uma gota de sangue.
Estou lavado.
Indiferente às impurezas.

Silêncio em casa.
Outra casa. Outros móveis. Outra disposição.
Nenhuma criança chora.
Ninguém dá passos sonoros.
Silêncio.

Estou sozinho.
O homem é um além que se ignora.
Uma perpétua flecha de descontentamento.
Palha que arde na frustração quotidiana.
Há o amor.
Tão simples: há o amor.
A mentira que consola.

Para onde vou?
Com quem vou?

Destino lá fora sob as frondes das árvores:
sorrio do meu mutismo,
o instinto empobreceu.

V

No fim do dia a noite.
Princípio consentido à dor e ao cansaço.
Afinal aqui estou, levemente calmo,
sem a possibilidade ou a vontade de pensar.
Escrevo a árdua metamorfose do meu caos.
No silêncio.

Verão na terra!
Cheiro de maresia, confusão de sentidos no sexo.
O calor!
O suor percorrendo o corpo e o rosto.
Tentáculos do finito numa plenitude da carne.
Amor!

O passado desaparece na crueldade da memória.
A visão má dos passos percebíveis na areia.
O espinho no clímax do sonho.
Estranho o revérbero da minha solidão.
Bizarra a impossibilidade de porto.

Vogar! Vaguear!

Longe, tão longe quanto o sequioso sangue,
a outra margem,
o sol humano,
a esperança,
o futuro.

Um só brilho na redoma do tempo:
morte e sacramento:
como, como chegar ao fim do medo?

VI

Ligeiramente escrevo o terrível acme do segredo.
Nas palavras que dito digo-me como tentar viver.
Nos sentidos que crio invento um novo acontecimento.
Nos poemas lisos de sensibilidade sinto-me o mesmo.

Mas o mesmo quem?
Complexidade sem estrelas, eu.
Simplicidade justamente de dizer eu.
Confusão e limpidez, ser homem na contradição.

Evito o verdadeiro problema.
A luz do dia é uma quimera para amanhã,
sei-o bem.
Noite lá fora, eu cá dentro.
Na casa desconhecida.
No quarto insentido.
Evito realmente o problema?

Rodeio-me de transparência para enganar a memória.
Nego que tenha sido outro.
Apego-me à esperança de ter vivido.
Até quando a dúvida?
E desde quando?

Fujo à sombra.
Mentira ou realidade, minto-me.
Transfiro para o impossível a ousadia.
Desobedeço-me.
Transfiguro o real de ser.
Aplino as frases reveladoras.
Indeciso permaneço no vácuo anímico.

VII

A impressão contudo de não ter fim.
De ser.
De estar na terra para perpetuar a terra.
De desmerecer os valores humanos.

Aguda impressão aos olhos do tempo.
Náusea de ter vivido no opróbrio do amor.
De ter comido as migalhas do tédio.
De não ter sabido enfrentar o mal.

Solidão – pureza de uma palavra por existir.
Sempre alguém do sentir, além do devir.
Solidão – grave nos ossos a carne animal.
Sou corpo, estrutura de febre e de gozo.

Para quando a ausência da mistificação?
Ir mais longe, cada vez mais perto do alvo.

Brinco com os sentidos implícitos das palavras.
Em tudo na vida.
Nas frases indeterminadas a chave sou eu.
Mistério?
Ou pura vulgaridade da alma humana?

Quem me sei?
Vim do ventre que minha mãe acalentou.
Saí para a vida com a sorte estragada.
As estrelas mentiram a superioridade.
Caminho no pleno plexus do nada.

VIII

Nas horas matutinas, eis a música
ouvida estes anos últimos.
Quanto de mim num solo de guitarra,
quantas parcelas da minha vida numa canção!

Esta corresponde à minha chegada a França.
Aquele aqueceu-me as noites frias de Paris.
Esta outra foi um bálsamo em Londres.
Essa outra deu-me a ilusão de ser feliz.

Música! Em ti perfaço o espaço milenário
de uma sensibilidade a todo o custo moderna.
Contigo sinto-me mais do que homem quotidiano,
levado pelo sonho aos lugares da luz redentora.

Escalonada a existência de um calvário impossível:
pontos de referência que a memória mediatiza.

Certa noite de verão há dois anos no país
onde nasci,
depois de tantos anos de exílio e de loucura,
o tempo de uma juventude perdida.

Sofri ser consciência viva: estar desperto
e alvo para todos os desastres do século:
o capital continuando a escravizar o homem,
o homem a tentar acabar com o pesadelo.

Em frente, o sonho, a música, o real humanizado.
Para quando, pergunto, para quando a alegria?

IX

Há outros segredos na vida.

Sei-o.

Certos matizes que a luz procria,
certas vozes que ciciam um mistério.

Ao lado do sofrimento mais destemido
a paralela de um êxtase que clama.
Momentos de total harmonia com o destino.
Quantas vezes não escrevi o intangível?

De cada vez diferentemente.
Na tentativa talvez esdrúxula de cercar
esse inusitado ponto que chama,
pura inexistência no tempo de hoje,
possibilidade de um amanhã liberto.

Entretanto eis-me mergulhado na sucessão dos dias,
incapaz de compreender o tumefacto do social,
a miséria que paira realmente no mundo,
a injustiça que flagela as almas solitárias.

Mais um homem.

Na insignificância de pertencer à terra,
de ter um nome que me escraviza,
no brilho animal de uma carne explodindo:
um outro homem.

Ouçõ a música que me lava da escória dorida:
sigo a linha que une o princípio ao fim,
no prazer de evoluções e involuções,
sempre surpreso por estar no centro de mim.

X

O espanto de não ter sabido escrever outros poemas!
Com outras palavras, diversos sentidos,
diferentes ritmos, noutros livros.

O sentimento de não me ter atingido.
De estar muito aquém de mim mesmo.
Estranho!
A frustração de ter permanecido dentro
quando o meu desejo era viver o fora.

Quando reflecto na minha obra,
sinto que falhei e me iludi com as palavras.
Eu queria outra coisa.
Não sei o quê, mas outra coisa.
E afinal só faço poemas datados
que a história literária catalogará no "mais um poeta".

Terrível o sentido de não ter estabelecido
contacto comigo próprio.
Há um outro mundo que as palavras não conhecem.
Há uma outra dimensão inacessível à língua.
Sinto-o.
Mas o quê, o quê?

Sobe no horizonte a manhã e não é isso que interessa.
O importante é o falhanço.
Mas até que ponto importa aquilo que não soube aparecer?
Terrível a ausência!

XI

Cada vez menos me percebo.
Sei-me dentro e arvorei vozes do ilimite.
Há uma outra luz e o caminho é novo.
Mas não sei ir.

Estático permaneço na confusão da idade
e do mundo como o vivemos.
Século vinte no horizonte da perda,
que fazer?

Um real que se desmente,
um homem escravizado pela ideia do homem,
a humanidade toda vítima dos conflitos eternos.

O sabor, que não é um saber, de ter nascido!
O hipotético como estranha redenção.
O vazio que a palavra aborrece,
onde sou eu?

Atingi uma margem impossível.
Tenho de regressar ao lar e ler o destino.
Preciso do vinho para esquecer a consciência.
Paz, a necessidade horrível de um sono.

Vou voltar atrás, espero.
Arrepiar caminho – diz-se.
Mas o futuro além que me chama a altos berros,
e a atracção do desconhecido:
que fazer?

XII

Como se fosse um hiato, a vida agora.
Um oco na confusão tentacular da vida.
Da vida, apetece-me repetir, da vida.
Mas que vida? Que destino? Que acaso?

Da vida! Impulso do corpo e reflexão do espírito.
A carne branca e leitosa de um filho.
A complexidade erodente de uma alma datada.
Em que universo vivo? Qual a vida?

Da vida! Explosão de sonoridades e mitos.
Esventradas as ilusões,
a corrupção como apanágio do sucesso humano,
que caminho escolher?

Nada efectivamente mudou.
Salvo a moda que em cada estação é outra.
A superfície sofrendo o tempo que ignora.
Mas o cerne, de que luz se alimentou?

As mesmas faces! Os mesmos olhos!
Sempre as mesmas ideias e os mesmos ideais!
O alto e o baixo, o bom e o mau!
O belo e o feio, dicotomias da escravidão!

Tenho que saber viver! É preciso!
Como o papagaio tenho de imitar a vaga
que desce sobre todas as consciências,
como a rotina terei que dizer que sim.

É isso o que me espera?
Antes morrer!

XIII

No meio da noite, súbita a impressão:
estou só.

Lágrimas esventradas ao desassossego
nascem nos meus olhos como clímaxes de desastre.

Só.

Terrível a condição humana.

Ter vivido vinte e oito anos para chegar aqui:
homem com pais e filha, separado da outra carne.

Num fervor desconhecido agarro com as mãos
o sexo esmorecido.

Estou vivo, grito-me.

E ainda não pisei a terra.

Não consigo apaziguar-me.

Criar raízes.

Ficar num sítio e permanecer pedra.

O descontentamento enterra-me nesta liberdade.

Ironia estranha:

não possuir o que todos querem.

Como se as coisas do mundo me estivessem vedadas.

Como se a inquietação fosse apanágio de um outro ser.

Noite lá fora.

O vento arrepiando as árvores que sibilam.

A sós comigo repenso os meus passos.

Fui feliz, ou menti-me?

Não é dor.

Um profundo cansaço de ter vivido noutra esfera,

uma nostálgica desilusão por não ter sabido viver:

é a noite que tudo cobre para que me descubra mais só.

XIV

Ignoro como me sinto.
Esqueci-me inopinadamente que vivo.
Fluem os dias no sol e na lua,
sei que estou na terra e sou homem.

Breves as sensações.
Esporádicos os pensamentos que o real suscita.
Lembro-me de já ter sido.
Perto este quotidiano feito de nada.

Uma espécie de leveza:
não é autodomínio:
um alheamento dentro e fora de mim:
simulacro que redime.

XV

Não quero começar com um repente.
Não há luz.
Não há nada.
A vida desprende-se de mim e deixa-me só.

Enclausurado nesta casa sem saber o que fazer.
Ninguém me espera, de ninguém me despedi.
Estou.
Na angústia de desconhecer o meu destino.

Auairo contudo os vagos sonhos do silêncio no vazio.
Estranhas melopeias que engravidam os sentidos.
Fantasias solitárias de quem não vê gente.
Saberei ao menos de que lado fica o mundo?

O corpo indisposto; o espírito fendido.
Cada poema é mais uma página da odisseia impossível.
Resumos de estafados estados de alma.
Clarividências que não norteiam a vista.

Inadjectivada está a noite.
Nem quente nem fria.
A noite.
Nada me diz, a nada me instiga.

A idade define-se pelos sonhos que se perdeu.
Inexorável deslizar do tempo.
Afasia.
Intempestivo marulhar da desgraça.

Acho que cada verso que escrevo
encobre uma verdade terrível.
Mas a sinceridade paga-se miseravelmente.
Antes a arte desmentindo a dor do homem.

XVI

Sinto-me invadido de mediocridade.
As palavras desertam a estesia que me criou.
Velhas carcaças do irreal simulando vida.
Destroços do barco que sou.

Tento aquecer com amor este sentir.
Que o desastre foi perto e esventrou-me.
Anseio por um horizonte que não se perca.
Inspiro o odor mirífico de um incêndio.

Para quê mais palavras?
Não, não é derrotismo nem desânimo.
Sei que o êxtase é um mito existencial.
Concordo com a beleza trágica do sentido.

Aqui estou, suspeito e criminoso, irrisório.
Aqui deixo a âncora beijar o lodo.
Aqui defino-me como corpo da indeterminação.
Aqui salvo-me do confuso esplendor do nada.

Em versos destilo-me, estranho espírito.
Nos poemas que fabrico faço-me história.
Aventura no século da perda matemática.
Caminho que serpenteia até à fonte.

A água.
Origem minha desfeita em tempestade.
Cada pedra fecha-se como um coração doente.
Estou no seio do mistério e não vejo nada.

XVII

Um outro universo.

Sem ninguém.

Aqueles que conheço esboroam-se da memória.

Nasci, mas impossibilito-me a morte.

Quanto compreenderão este martírio?

Quantas leituras saberão restituir-me vivo?

Quantas análises abrir-me-ão até ao cerne?

Quanto anos ainda para que a poesia seja real?

Delimito-me ao simulacro de uma escrita.

Li os livros que traduzem a alma.

Aprendi a discernir através do sofrimento.

Verso construo-me um castelo isento.

Mas há o medo!

Catástrofe do desejo que se quer prazer.

Na mulher só vi uma dimensão da carne.

No homem revela-se a luz de um puro amor.

Mas há o medo! De quê?

Cada poema é mais um sinal que se finge mentira.

Possuir todos os caminhos no extático delírio.

Roubar à possibilidade os espaços inexplorados.

Nada do que escrevi foi sentido.

As palavras que me anavalham desmerecem o brilho.

Os sentidos que me ligam sofrem um castigo:

permanecerem obscuros para que a vida avance!

XVIII

Depois de tudo o que vivi, o desespero.
Estar só.
Assistir ao quotidiano com casais e crianças
e sentir-me perdido.

Não quero definitivamente estar de fora.
Complexidades do sexo.
Ansiedade do espírito.
A hora da doença e do recomeço estático.

Fundar sobre a areia do mundo um lar feliz.
Sorrio.
Ser como os outros.
Bastar-me na cegueira de hábitos impessoais.

Suprimo o mal.
Sublimo o bem.

Uma longânima lágrima banha-me de esperança.
Talvez amanhã tudo mude.
Talvez um cataclismo sobrevenha.
Talvez o homem se aperceba do terrível erro.

Tempo para meditar no passado.
Uma inexprimível vergonha sobe-me à alma.
Aquele que recrio fui eu.
Grotesco, grotesco!

Mas o futuro vago obriga-me a escolher.
Não sei onde ir.
Nunca o saberei.
E no entanto esta força que me impele para o desconhecido:
quero saber, quero saber!

XIX

Tentativa única de não me definir:
ver basta quando o concreto traz a luz.
Sentir verbaliza a poética moderna
e não quero assim possuir a magia da morte.

Sei que é difícil seguir-me.
A estética explodiu com o desespero e o tempo.
Resta esta voz uníssona e vertebrada
no clímax que ainda ontem verdejava o deserto.

Mas só a cal embranquece a terra!
Selvagem o fascínio do amor.
Demente a procura do prazer.
Um hiato entre o possível medíocre
e a beleza misteriosa de um além carnal.

Uma boa foda e muito espírito:
resumo o truísmo dos bens da terra.
Junto ao hipotético o processo do sonho,
povoo com paradoxos o clima do futuro.

Claros desejos como repetir alegremente
a palavra que me soa forda de sentido:
vazio,
alquimia do delírio que antevê o fim.

Leitor amigo, não tenhas medo.
Lê-me como se não existisse um dos degraus da escada.
E que no entanto é preciso viver!

XX

Suspeito irremediavelmente dos antigos.
Evito-os como se me fizessem medo.
É uma vaga impressão, uma estupidez.

A mecânica da criação será sempre um mito.
Um mito misterioso.
Por isso escrevo convicto da perenidade
que insufla nestas vis palavras.

Outros sabem compor o presente.
A cultura dos jornais.
O saber nas escolas.
Outros serão a margem do outro lado do rio.

Como certas vozes de sereia.
Serena ambição a daquele que não vence.
Esporádico limite o daquele que não alcança.
Um aceno vale mais que séculos de repetição.

Surge demiúrgica e cruel a clivagem.
Um outro nome.
Uma inflexão nova como o acaso.
Uma desmedida sopesada pelo que virá.

Ou mesmo a impossibilidade total.
Que importa.
A beleza da escrita ficar indecifrada.
Inutilidade, vício, lazer:
importa é o gozo de se ser pai e mãe
do filho que nos fazemos.

XXI

Há-os que nascem de um ritual moderno.
Inventam a facilidade com a felicidade da expressão.
Outros, ensimesmados no ovo e na eclosão,
pretendem sobretudo a coerência do sonho.

Os falhados. Os criminosos. Os tímidos.
Cada literatura ignora os seus dejectos.
Brilham as forças humanas que obedecem.
Mas no ilimite só o perfil da loucura é.

E faz medo.
Nebulosa de terror nos dias calmos de verão.
Uma meditação insulada, como se alguém conhecido,
por ser eu, ditasse as regras do impossível.

Eu que me ignoro e procuro ser eu.
Esta estranheza no súbito queixume poético:
luz no simulacro de um objecto
que nem a ciência pode compreender.

Há-os que preenchem os vazios da mediocridade.
Os felizes deste mundo em todas as partes aceites.
Outros vogam o vazio sem vomitarem o silêncio,
incapazes de construírem uma esperança salvadora.

Atingi a idade do nulo despertar.
Felizmente que minto.
Aceito tudo o que não soube amar.
Amo aquilo que me impossibilita de ser.

XXII

Apercebo-me contudo da extrema humildade
do meu gesto.

Cada sentimento que procuro
e cada pensamento liberto
é a minha maneira de estar perto da terra.

Apetece-me lavar-me.

Criar sólidas raízes no húmus podre,
deixar crescer tronco e ramos,
voar como as folhas que o vento transporta.

Ficar e partir na síntese do impossível.

Calcorrear a meditação que o mundo reflecte,
fixar em quadros obsessivos
a análise que a acção purifica.

Quanto de mim só será real amanhã?!

Súbito, um leitor intempestivo,
abre-me, obedecendo ao desejo nenhum,
perplexo desmentirá que fui preciso.

Revelação!

Esse prisma que só a identificação conhece:
explosão de uma animalidade criadora:
dilui-se a solidão ao contacto da outra carne.
Chamem-lhe espírito ou inteligência.
O que interessa é a fusão para que o nada seja!

XXIII

Nem cansaço nem desilusão.
Um suave sussurro. Uma serenidade anímica.
Uma mentira que claudica e fere o discurso.
Hoje é isto a poesia.

Houve um começo.
Algures no tempo, cresceu e desenvolveu-se o mal-estar,
esta impossibilidade de pensar
o mundo com palavras e gestos.

A inocência ao perder-nos perdeu-se.
Restam as dúvidas e os desastres.
A crueldade de um destino incapaz.
A fereza esporádica de uma esmola carnal.

Retorno ao sítio do ser.
Nada.
Tudo coberto da finíssima poeira dos dias.
Eu como invenção e arrojo desmedido.

A ousadia não venceu a inexistência dos deuses.
Nem a hora permite comparações esquipáticas.
Zinco e latas sobre a terra aquecida.
Um futuro que se teme e não reivindica.

Longe no céu azul da noite as estrelas.
Em que ano?
Olhos que as fitaram são terra e bichos.
Olhos por nascer vão vê-las no mesmo sítio.

XXIV

O desbarato sentimental!
Orgia de dor e dança de arrepios.
Chamam-lhe amor.
Embevecido declino a oferta amarga.

Se tenho que empregar a vontade
que seja para o mistério da terra futura:
eutopia!
Lugar do gozo e da harmonia.

Mais fundo. Preciso de buscar as raízes.
Descer aos infernos.
Ver com os olhos que me criei a minha origem.
Ver com os sentidos aduncos qual o fim.

Perpétuo mistério!
Avançamos na noite tropeçando passos,
gritando para que a mãe surja,
chorando o descanso de tudo estar frio.

Enterramo-nos no lodo quente do vulcão.
A outra terra! A carne e o vazio.
Somos expulsos pelo cansaço que aflige.
Retomamos os hábitos diante do espelho.

Caminho no horizonte que castiga o sonho.
Cinzas e deserto em volta.
Certas vozes clamam o fim do universo.
Outras predizem o reino da terra.

XXV

Poeticamente ligo-me ao que não sei ser.
O jogo intelectual de viver a outra dimensão.
Cada gesto um travo amargo,
cada pausa um vômito capaz de incesto.

Há um lugar.
O meu desejo exige-o.
Para que possa fruir do pleno prazer.
Para que a vida perca as antinomias.

Estou separado do mundo pelas paredes desta casa.
Mas não só.
A companhia da dor e do gozo
diluem a minha necessidade de morte.

Sou extraordinariamente corpo.
Em mim, fluxos e refluxos, sangue,
esperma, humores segregados
e sussurros segredados ao ouvido desperto.

Estou vivo!
Como um animal independente e livre
o sexo mexe-se e revive-me,
precisa como eu de morte. Da outra.

Há paralelas que a sensibilidade pressente.
Linhas de força que as palavras não atingem.
Escrever é apostar em não ser compreendido.
Mas compreender é já ter vivido.

XXVI

Sobe a noite sobre a terra adusta.
Mais um dia que o tempo não catalogou.
Efemérides do social como não deve ser vivido.
Mas os homens conhecem o caminho da perdição.

A desgraça atrai.
Ratos libertos do veneno deitam-se ao mar.
Viver o quotidiano cansa.
Atingir o sublime é tarefa de poucos.

Há um tumor na inteligência do homem.
Um vazio, cimeira da demência.
Um grito que fende a rotina dos passos.
Há uma sensibilidade que exige ódio.

Vejo que passam os homens.
Ninguém desmerece a sua sorte.
Há um sentido oculto na inexistência.
Se não há, há essa possibilidade de existência.

Nada me diz quem me diz tudo.
Abertos os espaços sentimo-nos escravos.
A luta é uma necessidade visceral.
Só que não sabemos como a humanizar.

Se nos pensássemos eternos tudo seria diferente.
De um dia para o outro a justiça reinaria.
É por nos sabermos efémeros
que suportamos a ignomínia e o cansaço.

XXVII

Impuro declive a tomada de consciência.
Um turbilhão de silêncio anímico.
O som de passos que o asfalto dilacera.
Mistério no clima do alheamento.

Velas sem barcos num mar de luz.
A imagem.
O delírio.
A frieza de uma vida que se esquece.

O andar à roda.
Satélite da miséria e do arbítrio.
Substância de uma ausência.
Forma e angústia.

Não mais o riso.
Amálgamas de dispersos fragmentos do eu.
Eucrasia como necessidade.
Terebrante flagelo sobre a minha terra.

Cego no percalço que me faz história.
Perdido na miscelânea de sentidos temerários.
Versos sem contra.
Apêndice do homem o guerreiro da hora.

A sensação insensível.
O espasmo no cheio da noite aquecida.
Onde estou?
Responde-me a doença e o silêncio.

Vivi tudo.
Conheço todos os clímaxes.
Desfibrei todas as vozes do ocidente.
Falta-me definitivamente morrer.

XXVIII

Submerso pela insatisfação que governa a minha vida.
Cada verso torna-se um poema.
Música que nasce em mim e rebenta na criação.
Areia movediça cada palavra que escrevo.
Espero o quê?
Sei.
Um silêncio é apenas uma face do real.
Sol e chuva fazem parte dos dias.
Amor não é a chave que abre os horizontes.
Mas há este caminho que se desdobra.
Prossegui-lo é acreditar que a morte purifica.

Ouçó música.
Estou secamente calmo, recolhido ao dentro.
Fecho os olhos para melhor me desconhecer.
Vogo.
Corto mansamente o ar, flecha em voo.
Projecto dos instintos.
O espírito que queima.
Fogo! Fogo!
Mas não regresso.
De cada vez a perda, o desastre, a explosão.
De cada vez o recomeço com outro homem.
Cada dia me mata, todas as noites me recolhem.
Esvaído em sangue.

Quanto tempo suportarei esta indissociável dor?
Ser rasgado e cosido,
o peito arfando esgares de medo,
o corpo estrebuchando no suor da febre.
A náusea que me inebria.
O pus no plexo das ansiedades abissais.
Quem sou?
Haverá um berço para a minha morte?
Um leito onde descansar o sofrimento?
Há um quotidiano sem amor.

XXIX

A POESIA.

PLÁCIDAS PALAVRAS ENTREGUES AO ACASO DA HISTÓRIA.

HOMENS QUE SAEM DE CASA E LÊEM LIVROS.

TODO UM MUNDO A MODIFICAR.

TODA UMA VIDA A SER VIVIDA.

PELA PRIMEIRA VEZ A VEZ ÚLTIMA.

ALÉM O DESERTO.

SEM MEDO.

DEPOIS O OÁSIS.

MAIS ALÉM O PRAZER NA TERRA CULTIVADA.

Fricção de corpos no lodo puro de um estremeço.

Por que não sei escrever?

Arranque para o invisível que demanda luz.

Nu e aberto à totalidade de tudo:
estou.

Na aprendizagem do homem.

Essa ideia que ainda não vingou.

Amanhã, talvez amanhã: o sonho.

Nem pais nem filhos, nem leis nem regras:

a amizade universal no coração da humanidade.

A POESIA

XXX

Ténue a impressão de que vou mudando de rumo.
Leio poemas de há meses e digo-me: quem era?
A realidade opera no homem a metamorfose.
A vida encarrega-se de nos banhar de absoluto.

Lembro-me do barro.
Origem na mitologia do homem conhecido.
Caio até às lágrimas quando medito na história.
Homens e cidades e depois o vento da ruína.

A louca beleza!
O fascínio.
No caminho que me leva ao nada
leio os horizontes de um insuportável declínio.

Talvez esteja enganado:
iludo-me.
Talvez a vida seja simplesmente impensável.
Sinto-me corpo e espírito: basto-me!

Quero contudo assinalar o meu amor.
Por tudo o que indica um outro mundo melhor.
Pelos sinais espalhados pela terra,
clamando paz e harmonia.

Compreendo finalmente o sol.
Como um outro poeta.
Como o primeiro homem.
Luz e calor ungidos de trevas.

TERCEIRA PARTE

I

Visceralmente admito a alegria.
O prazer como manifestação da carne plena
que busca uma explosão.
A paz na manhã que o verão acaricia.

Hoje compreendo que nada foi dito.
Cada palavra é outra palavra noutro momento.
Cada timbre comporta um ser.
Cada ser manifesta-se de maneira diferente.

Esqueço mentalmente todos os problemas
que me quiseram flagelar.
Estou bem.
Respiro universo sem precisar da flor.

O meu rosto é homem.
Aprende-o.
Lê a vida compassadamente,
cada curva na estrada é um percalço ameno.

Sofrido é um adjectivo que aborreço.
Mas existe.
Cicatrizes no corpo atestam o passado.
Mas os olhos reflectem um futuro novo.

Viver!
Silencioso remexer das entranhas maternas:
nasce no coração um filho da terra:
enterra-se no peito uma esperança ultrice.

Um eixo no complexo redemoinho do mundo.
Gira o sol.
Levita a terra povoada de sonhos.
Um poema que ninguém ousa escrever.

II

A felicidade que ganho quando escrevo harmonia.
Devo estar completamente louco!
Sinto as coisas sem êxtase, mas sinto-me.
As distâncias entre mim e o universo apagam-se.
Trago o desejo da mudança.
Aconselho o prazer luxuriante.
Atinjo o orgasmo.
Esvazio-me.
Canso-me.

Homens e animais e plantas e pedras: sou.
Não como uma revelação excruciante.
Sem peso.
Metamorfoseado em andar entre.
Como um eflúvio que paira.
Uma música que banha.
Uma carícia.

Incompreensível o tédio!
Terra, estou bem!
Não quero mais nada.
Ser basta.

Possuo olhos e vejo.
O sol no céu azul do verão abrasador,
mulheres nas varandas das casas,
crianças que gritam juventude.

A outra realidade, a da fome e da escravatura,
dilui-se como tragada pela natureza.
Algo me diz que não se quer resolver os problemas.
Sim, digo, incapaz de proferir agora um não.
Sinto-me tão bem!
Tão bem!

III

Obsidiantes versos irrompem na criação de versos.
Sentidos que escrevi há alguns anos
permanecem na antecâmara da memória.
Agora, quando pretendo escrever sobre o presente,
enfrento afluxos de palavras catalogadas.

Como se a minha vida fosse um círculo.
Um eterno retorno humano.
Ou então, empobrecei.
Já não invento.
Papagaio de ontem que não esqueceu a lição.
Incapaz de se debruçar sobre o tempo
como sucessão inexorável e mudança.

Tudo o que não digo é digno de ser escrito.
Não me escolho.
Há uma ligação enorme entre mim e o demais.
Abro-me e recebo o mundo.
Fecho-me no esplendor do ser.

A viagem e depois a ilha.
A minha maneira de não manobrar.
Um dia segue-se ao dia.
Anos e depois a velhice insentida.

Estranho espelho o meu!
Não reflecte nada do que sinto e é verdade.
Cataloga as rugas que fendem a carne
e pensa-se muito objectivo.
Só a morte é ligeira.
Num abraço sensual apaga-nos a chama.
Fica o corpo branco e frio.
Um olhar de nada.

IV

Agora que o calor acaricia a terra,
livre de trabalhos,
permaneço à janela do real
assistindo como uma testemunha ao acaso.

Vejo o rocio da manhã e a ustão da tarde.
A cálida temperatura da noite iluminada.
Ouço o marulhar do mar.
Cheiro a maresia que se infiltra na terra.

Pego súbitos livros que me mostram línguas outras.
Leio-os como uma criança.
Soletro-os a meia voz e forjo-me estrangeiro.
O mundo tem fronteiras, não esqueço.

Como o frugal.
Frutos como a maçã e o pêssago.
Bebo água que rareia com o estio.
Durmo na penumbra do quarto desflorado.

Tenho saudades da minha filha.
Lembro-me do seu sorriso sem lábios
e do riso que lhe penetra as entranhas.
Sempre ameí as mulheres que se devoram inteiras.

Tento sedimentar os meus sentimentos.
Atrapalhado por não sentir nada.
O léxico passado surge-me exaurido.
Invento com argúcia uma nova afectividade.

V

Através da luminosidade gorda do fim da tarde
desfibro a minha ausência.

Loucura não é uma palavra
que mereça compaixão da parte do homem.
Prefiro um outro limite, uma outra fronteira.
Fogo – digo, quando só me revelo.

Assim o tempo cinzela sobre a substância
amorfa dos dias o fulgor do meu destino.
Quem se pensa arvora-se ao exílio.
Aquele que aponta diariamente o sinal
destrói o sentido que o eterno admite.

Mas tudo se passa bem perto
para que me importe casualmente com o longe.
Problemas!
Quem os não tem?
Paralelas e cordas que puxam o barco
nesta viagem escalonada de sentidos.

Ossatura do imprecendente futuro.
Rio. Um aziúme tentacular desflora-me
os nervos que ainda ontem sabia capitanear.
Tudo desaparece da face do medo.
As noites cobrem-se de estrelas suspeitas
e a história do homem tece-se de azar.

Recordo o azul que humanizou o amarelo.
Há quanto tempo?
Sou um homem que não matou a criança.

VI

Num gesto total abro a janela do quarto.
Estou de pé e observo.
Primeiro de julho no ano de setenta e seis.
Calor. Uma ténue brisa fria.
As vozes da vizinhança.
Crianças como nunca fui.

A casa mantém-se silenciosa.
Estou sozinho.
Passei o dia a viver nada.
Li casuais livros sobre o amor das mulheres.
Ouvi música.
Não saí de casa.

Vazio ou indiferente não consigo ser diferente.
Penso que me sinto bem.
Nada me preocupa, mesmo o que me preocupa.
A paz, que não é ficção,
apossou-se do meu espírito e faz-me feliz.
Há um outro mundo – diziam.
Agora compreendo.

Ei-lo que passa, o comboio.
Insisto no efémero que é o que fica.
Tudo o mais é.
Poeira nos olhos do cego que vê.
Fragilidade de tudo no seio da esperança.
Estupidamente.

VII

Levado pela leveza do momento que vivo
escrevo nebulosos poemas.

Tão simples os sentidos que repito!

Tão intensas as razões para viver!

Compreendo contudo a dificuldade
em escrever boa poesia com a felicidade,
se este meu estado corresponde a essa impressão.
Só a angústia vence o presente
e abre perspectivas para o futuro.
Só a dor consente a genialidade.

Mas que me importa o juízo dos outros?
Quero que livros meus digam bem-estar
e paz como outrora revelaram desespero.

A vida é feita de tudo.

E embora toda a gente o saiba
apetece-me repeti-lo uma vez mais.

Atinjo o nirvana.

Ou qualquer coisa de muito parecido.

Em mim um oco que desfibra ondas de calma.

Um mar ajoujado às areias da praia
que canta as vozes de um espaço amigo.

Abstracto amor, o que sinto.

Carícias sobre o corpo, dos pés à cabeça.

O sexo bússola que aponta para a vida.

Que mais quero eu?

VIII

Sinuoso o deslize do esquecimento.
Afasia como premonitória auscultação.
Não temo o futuro tenebroso.
Basta-me o presente que gozo e animo.

Como estou só e tenho tempo,
sonho aquele que me escolhi sem opção,
repenso as frases que certo dia disse ao amigo,
reluzo de sentidos que outrora inventei.

Não estou morto.
Claro que nem todas as horas são criações.
Aprendi a esperar o momento do êxtase.
Demasiada intensidade seria uma rotina horrível.

Por isso estremeço de prazer
com a simplicidade de uma existência no nada.
O medo que alimento faz parte da vida.
As razões que me fazem mover são outras.

Limito-me aos reflexos.
Com o passado, no seio da dor,
soube enfrentar o castigo do destino,
agora posso aceitar a alegria sem tédio.

Nem conquista nem vitória.
É um outro sentimento.
Dar-lhe-ei um dia um nome novo
quando a terra suportar a minha história.

IX

Não é loucura.
Seria demasiado complexo.
Nem a graça de religiosa memória.
Mas é outra coisa.

Não finjo quem sou.
Atinjo contudo o selo do segredo
que o deserto outrora desertou:
o jogo é mais importante que o resultado.

Não há fim nem houve possivelmente começo.
As regras são oriundas do caos.
A luz surge da escuridão da alma.
O tempo brilha no espaço.

Harmonia.
Total identificação com o universo desadjectivado.
Mesmo se isso é impossível.
Há muito que me desliguei do real contido.

Um sopro de felicidade.
As veias com o sangue no casamento
do movimento:
um simulacro de destino no corpo humano.

Homem! Sonho-me.
Aquele que busca e não encontra:
aquele que se perde quando se salva,
um olhar sereno que dá vida à pedra.

X

Apercebo-me contudo de um vago terror
subjacente à acalmia que brilha no meu redor.
Não sei do que se trata.
Imagens e pérolas de uma outra realidade.

Tenho medo.

Mas de pé permaneço como uma indiferença tímida.
Alegre evoluo sem descortinar a sombra.
Vago o marulhar de uma presença.
Suposição.

Nada pois de grave.
Nada a assinalar.

Tempo para a anulação de qualquer epopeia.
Nem dor nem orgasmo.
Um pouco de solidão, como outrora.
Um espelho no simulacro baço do tempo.

Subtilmente atado ao vazio do pensamento.
Nem as leituras casuais me encham.
Nem a música consegue iludir-me um êxtase.
Um olhar cego mede as distâncias.

Contudo, e como já disse, paira uma estranheza.
Um clima que se ignora.
Uma atmosfera que fende a consciência.
Não é nada e chama.

XI

Afixos de mim nos socalcos da memória desflorada:
cada verso diz a história de um povo.
Cada poema é a vida e a morte do sentido.
Julgo que me engano.

Loucura verbal: similitude com o orgasmo.
Sede no redemoinho que estremece a carne.
Lembro as vulvas que esperam o ataque.
Sou as mãos que apalpa a alma.

Mulher é a exigência do século.
Sagrada pelo nada que impera no mundo,
só ela faz do homem um animal importante:
nela o rebento traz perpetuidade.

Por isso não compreendo.
Na infância perdi qualquer conexão
com o mistério que vivifica as coisas.
Um sentido da terra, húmus ou lodo.

Alegria como base e pináculo do poema.
Creio na inexistência.
Adoro aquele que desiste da grandeza.
Odeio o mal que necessita do bem.

Há aqui um sorriso.
Lábios de mulher na sensualidade aberta:
o sonho desta noite inventei-o:
o de amanhã será uma realidade intrépida.

XII

Tenho sido um miserável.
Tudo o que fiz ou disse parece-me pequeno.
A realidade não está à altura do meu projecto.
Sofro por não ver o mundo mais novo.

Refugio-me na ideia que se faz do deserto.
O calor exsuda o corpo.
O espírito seca-se como um cacto.
Dentro a seiva que o mistério alimenta.

Interregno ou ataraxia definitiva?
Ignoro.
O dia que passa envelhece o meu corpo
e fico com o sentimento de o ter perdido.

Pergunto-me se mudei.
Para os que não sabem, direi que fui criança,
que amei a revolta como uma fome,
que dificilmente saio do casulo.

Mas fui realmente criança?
Sou-o talvez mais agora que sinto o peso
de uma idade que avança.
Mas os sonhos são tão frequentes!

Ainda não desisti dos meus planos.
Arquitecto no lazer um futuro anímico.
Passo horas ganhas na ruminação do impossível.
A seta que sou sabe-se alvo.

XIII

A noite espalhou-se sobre a terra.
Solidão: a casa escura.
O silêncio não vagueia nem ciciza.
Na janela os meus olhos povoam a estesia.

Detecto diante de mim as promessas femininas:
um erotismo larvar apodera-se das entranhas.
Fogo.
A terrível humidade que é a morte fictícia.

Tenho o sexo em riste.
Arfante.
Vejo esporádicas formas, vultos de mulheres
que nascem e desaparecem como enigmas.

Quisera ter agora uma alma que me ouvisse!
Um corpo perto que se abrisse feliz.
Quisera perder-me na inglória tarefa
de cumprir o ritual que me animaliza!

O sangue palpita.
Estou só.
As estrelas substituem a necessidade de caos.
O universo está a par do meu sofrimento.

Sempre esta estúpida miséria
que é possuir só um sexo. Tendo contudo
necessidade de um outro ser
para perfazer uma vocação que se perde.

Falam-me de amor e vejo aí um erro.
A energia que roubo ao cosmos
leva-me a desejar comer o corpo da terra.
Onde a impossível companheira?

XIV

Com a música atinjo o clímax da experiência espiritual.
O melhor de mim explode como sensibilidade.
Sinto o meu destino como um sentido inato.
Não há palavras para a definição redutora.

Só estes sons:
na noite como uma lava de luz que corre
ao encontro do absoluto que a escuridão encerra.
Viagens através do tempo inessencial.

Estou como uma consciência que tudo vê
mas nada pode revelar.
O segredo é demasiado secreto
para que o discurso possa perfilar um sentido.

Ouçó-me como se recém-nascido vivesse desde sempre.
Intemporal o balanço.
No espaço que o real rouba ao quotidiano.
Chamo.

Além também é a minha casa.
Ubiquidade: miragem de mim que soçobra no mundo.
Uma mentira que a verdade não pode deixar de aceitar.
O barco é demasiado frágil sem a loucura.

Sei.
Terrivelmente disposto a não colaborar.
Compreenda-me quem puder.
Mas já não posso voltar atrás.

Só em frente é viável o caminho.
Na dor e no suor, no medo e no desassossego.
O pão que se come e a água que lava.
Aqui, a última e a primeira palavra.

XV

Não me perco.
Se não consigo acabar as frases
é porque o mundo se apresenta incompleto.
Caótico é um adjetivo que amo.

Tento assimilar um sentido
na profusão de frases que alinho diariamente.
Cada palavra que emprego
tem a importância de ser a única palavra.

Daí a necessidade de ser lido mais de uma vez.
Só quem sabe sopesar o que fica dito
se aperceberá da ausência que eclode no mundo.
Dos homens e da estética: é o mesmo.

O não dito apreende-se sem esforço.
Mas o mais difícil é compreender o maldito
que cada poema transfere para a morte.
Há uma incongruência na criação.

Por isso devoro-me na arte que me escolhi.
Nada de permanente subsiste.
Tudo muda, até a genialidade do grito.
O que fui ontem surge-me um mito.

Interessa apenas fixar o momento.
Música da alma que sofre a contradição
de uma terra povoada de espírito.
A luta que travo não me desmente.

Por isso dói-me a alegria.
Nada surge com a face limpa da unidade.
Tudo vem coberto de ambivalência.
Até o olhar testemunhar desejo de ir mais além.

XVI

Sentimento que me vive.
Por vezes julgo explodir coberto de espírito.
E a carne tem um papel importante na minha história.
De tal maneira sou complexo e vivo.

Contenho no minuto toda a experiência do passado.
Aquela que aprendi na confusão dos caminhos.
Aquela que sofri como quotidiano.
Mas a impressão é de um oco reverberando nada.

Precisava que um gesto
fosse a soma total de todos os gestos praticados.
Como se fosse possível ser rico
na mais extrema amargura da pobreza.

Mas nada ter não é sinónimo de não ser.
Pelo contrário.
Para que reapareça a luz
preciso que a porta se abra completamente.

Precisamente estou no limiar.
Como uma noite que se deseja aurora.
Ou como uma tarde cansada de permanecer
que busca na escuridão um pouco de calma.

Repugna-me pensar-me duas metades.
O meu pensamento sobre o ocidente não é um juízo.
Aquilo que penso nasce na história.
Mas o que antevejo é pertença do impossível.

Daí esta clivagem real.
Suor e sangue na fenda do ser.
Quem me pode salvar?
A perdição arrasta consigo a dor.

XVII

Não sei fazer face a esta necessidade de escrever.
Como se assim impedisse qualquer coisa de se perder.
Ignoro o impulso quase animal que me anima.

Mas as horas passam e o mundo muda.
Ontem ainda eu era criança
e hoje já quase atinjo os trinta.
Que ficou desse intervalo?
De visível, alguns livros.

Inflexivelmente datados.
Inessenciais para a história da literatura.
As palavras não veicularam futuro.
Ficaram presas ao simulacro do presente
e esse engano foi fatal.

Só o eterno tem poder para permanecer.
Um eterno que culmina todos os instantes.
Falhei o meu intento e a minha vida.
Fingir seria mais fácil que buscar sentidos.

Não me sinto triste.
A poesia só existe para desiludir o homem.
O poeta é aquele que se mata vida.
Por isso não respondo ao falhanço espiritual.

Sei que contudo vivi uma aventura.
Estranha viagem que se adiava e adia.
Na confusão dos valores que o mundo cria
fiz-me um frágil valor negando a cultura.

XVIII

Atinjo a ausência da idade.
Se a carne pesa e o corpo enche
o espírito permanece ou avança jovem.

Sou de todos os tempos.
Compreendo todos os limites humanos.
Realizo com amor a desmedida ontológica.

Desfibro o ser e faço-me parecer
para poder assim colmatar o vazio inimigo.

Entre o tudo e o nada
escolho uma estrada que me leva ao fim:
tragédia ou comédia, tem que ser vivida.

Se possível com autenticidade.
Mesmo se o mito se infiltra nas palavras.
Dizer é consentir na injustiça.
Mas não há outra solução.

Por isso escrevo o dia.
Não na cronologia que enraivece,
mas no efêmero de ter pensado uma ousadia,
um verso incompleto, um sonho alado.

A minha vida é um espelho estilhaçado.
Na horrível imagem que devolve.
No sentido profundo que encerra.
Viver não é mais que colar estilhaços.

XIX

O mundo da palavra que me veste.
Que oscila, presente.
Sem olhos quero tentar o impossível: ver.
Mais longe que a distância.
Tão sublime como o real reflectido.
A sensualidade que esquece os sentidos.
A tensão que purifica o corpo.

A ponte que me liga ao outro corpo.
Pênis ou máquina das profundas entranhas.
Animal no animal que sou.
E quando chega a explosão
um cansaço espalha-se pela ausência da morte.

Bom é todos os dias desmaiar.
Depois renascer.
A mulher é a outra face do mundo.
Corpo e alma no balanço do eterno.
O coito é a necessidade de absoluto
na imagem concreta da terra.

Por isso sofro a solidão.
Não ter ninguém onde me convergir,
não possuir dois olhos que me humanizem,
não saber que um hálito dá esperança.

Vivo este interregno.
Até quando?
A minha carne exige-me um espírito.
Mas o mundo repudia a efusão e o amor.
Como vencer o isolamento?

XX

Todas as mulheres me seduzem.
Não concebo o amor convergido numa só pessoa.
A parte erótica do meu ser
exige-me mudança e prazer renovado.
Daí o não saber olhar as mulheres
como se não me fossem iguais.
A todas sinto que pertenço,
em todas o sonho de ser homem se realiza.

Mas há as estúpidas leis do mundo social
que te aconselham ou obrigam a escolher uma mulher.
Impura injustiça.
O homem é dispersão, tentáculos finitos
buscando no real um sentido total.

Nascemos todos na mentira ou no engano.
Uns libertam-se da opressão
à custa de muita dor.
Outros ficam permanentemente ajoujados
ao limite imposto.

Às vezes cuido que não sei falar com as pessoas.
Os códigos multiplicaram-se,
as palavras adquiriram todos os sentidos,
dizer a alma é uma tarefa impossível.
Calo-me ou manifesto apenas o meu acordo.

Todas as mulheres são dignas.
Como as árvores presas à terra
que se deixam povoar de pássaros irrequietenos.
O vento traz e leva.
Se não é assim a vida, é sempre assim a vida.
Quer o queiramos, quer não.

XXI

Só o olhar da mulher nua me dá sinceridade.
Sou um homem nu que não esconde.
Exprimo o animal e a espiritualidade.
Esqueço que a confusão impera no mundo.

Momentos de um estado inefável.
Dizer é mais do que soletrar letras
ou proferir palavras de um discurso ingénuo.
É criar o universo à semelhança do dito.

E quando esquecidos pelo tesão
os corpos se unem, sinto uma alegria enorme
esventrar-me as ideias e os preconceitos:
afundo-me no prazer que vive o sexo intumescido
e só pretendo que continue o que terá que acabar.

Mas há um instante em que nada importa.
Nem a vida nem a morte.
Nem o perigo que se corre nem a salvação.
Vir-se, sentir o esperma sair de mim
como a lava rubicunda de um vulcão.

Estranha condição a do homem: animal pensante.
Capaz da alegria como da tristeza.
Sujeito ao crime como à santidade.
Vivendo no seio do destino a contradição.

Não medito mais.
Fixo com os meus olhos irrazoáveis
a extensão do apelo que me inebria
e nego-me a dor ou o gozo de dizer.

(Mas o poema já está escrito.)

XXII

Há uma fome por tudo o que desconheço.
Vivo a metafísica que se desmente.
Vivo e sinto o estremeço da consciência
que cataloga as memórias e os gestos presentes.

Um fascínio que súbito não encontro nas palavras.
Como se escrevesse um livro
sobre outros papéis,
com outros instrumentos,
dizendo outras manifestações do espírito.

Às vezes penso-me atrasado.
Incapaz de me saber inteligente ou digno.
Outras vezes atinjo o acme do desespero
quando me apercebo que sou único
e estou separado de tudo
pela existência do meu corpo.

Movo-me e evoluo, saio e entro,
percorro as distâncias,
há um lugar em frente, um atrás,
os dois lados, direito e esquerdo,
o ar que carrego nos ombros,
a terra que piso como uma pedra sólida.

Sou eu – digo-me.
Eu – grito.
Aquele que nasceu e vai morrer.
Não é belo um destino feito de morte e nascimento?

A revolta da adolescência revoltou-se.
Levou-me à miséria e ao sofrimento,
traz-me agora uma paz que me redime.
Até quando?

XXIII

Talvez seja finalmente um frenesim.
Esta necessidade de comandar o tempo revoluto
e aquele que disparado é o sinal do presente.

Afirmo contudo que estou calmo.
Estagnado à superfície conheço no âmago
os ventos que beijam as tempestades anímicas.

Em cada poema decifra-se o universo.
Com um estilo terso, extraído da realidade,
capaz de construir a razão e a sua sombra.

Dizem-me que é difícil ler.
Concordo.
Mas sem dúvida é mais difícil ainda escrever.

Dizer quando o silêncio banha.
Irromper como uma necessidade
que se insere na cultura do homem.

Só o futuro dirá que presente é original.
Vogamos, os que buscam ou se perdem,
na total confusão que ensopa o mundo.

Apostamos no que fazemos fervorosamente.
De nada vale a esperança
que architectamos na solidão da obra.

O acaso e a história decidirão.
Por isso não me importo com o que escrevo.
Só a autenticidade vence o esquecimento.

XXIV

Acredito que me engane.
Pois se na vida só tenho feito asneiras,
como evitar uma estética ultrapassada?

Quero crer contudo que algo fica
neste suceder irrisório de livros:
uma chama talvez medíocre do génio,
uma tentativa de dizer tudo o que é.

Não sou uma pedra. Escrevo palavras,
as mesmas que aprendi na língua materna,
as outras que vivifiquei com a dor.

Procurei sempre atingir o clímax.
Preocupe-me pouco com a verdade.
Certas ideias afloraram-me a consciência
mas não encontraram em mim um receptáculo.

No fundo, foi a carne que decidiu.
O instinto que me alicia ou fere.
A vocação hoje animal.

Percebo que me repito e que corre o tempo.
Mas a necessidade feroz de sentido enlouquece-me.
Preciso de uma bóia, a escora faço-a eu.

Aqui estou na criação deste poema.
Mais um elo da cadeia que une a morte ao berço.
E porque o sei estremeço de medo.
Este é o espanto. Esta a realidade.

XXV

Quis já exprimir a minha ausência.
Com uma total desvalorização da palavra.
Com uma loucura capaz de criar sentido.

Não consegui.
Há um limite que não posso ultrapassar.
Seria a minha própria negação.
O delírio completo sem controle.

Estou no meio das coisas e dos homens.
Vivo no planeta terra,
ano de 76 do século vinte,
completamente datado.

Eclodi na história,
desaparecerei nas suas malhas.
Criei com a minha irrupção a minha história,
aventura humana com contornos selvagens.

Penso o universo.
Quando o lazer permite.
Quando a acção dá descanso ao quotidiano.
Penso o universo e fico súbito triste.

Não vislumbro uma outra distância.
Meço o espaço que me separa dos outros,
compreendo a minha origem,
temo o fim que espera o desenlace.

Queria ser simples
como a inexistência das palavras.
Mas como?
Nelas vivo e com elas saberei morrer!

XXVI

Assim a escrita é uma perpétua aprendizagem.
Todos os valores se perdem, se desfazem,
para que outras atitudes vinguem,
portadoras de sinais e de consolo.

Dizer é fixar o movimento do real.
Mas não dizer,
ou ficar impossibilitado do uso das palavras,
é enlouquecer no caos da contradição.

Por isso escrevo.
Febrilmente desperto e consciente
do crime que cometo para me salvar.
Longe o brilho é uma quimera.

Quero comer o real.
Beijá-lo e fornicá-lo numa comunhão
em que os sentidos igualem os objectos,
quero reintegrar-me à terra.

O sonho abeirou-me do precipício.
Águas em turbilhão de espasmos chamam-me.
O salto que não quero dar.
Mas quanto tempo ainda poderei resistir?

Não me posso ignorar:
algo em mim pede perdição.
Não sei o que é, não sei como é.
Mas a voz existe e o seu fascínio é real.

Onde vou acabar?
Em que praia deserta de que mundo?
A terra está velha.
Eu sou a inexistência do novo que nasce.

XXVII

Invoco o que está para ser.
Ao mesmo tempo sacerdote e escravo.
Em mim a necessidade de outra luz.
Na vida o desejo de saber o que não se passa.

Sou estranhamente imperfeito.
Adquiri com o hábito a experiência da morte.
Daí a amar a vida vai um passo.
Franqueei a porta do passado:
vi o esqueleto e a ilusão.

Trago no rosto uma indiferença irresistível.
Sou uma questionação.
Os olhos tauxiados na carne reflectem mundo.
As palavras que digo sofrem a solidão.

Ninguém contudo se apercebe da força.
Retenho uma energia que me iguala ao cosmos.
Nervos ou impulso da sexualidade,
um mar rebenta na minha alma.

Chamo-lhe vida.
Sem mais nada.
Puro movimento feito homem
e pura inquietação feita pergunta.

Claro que possuo um passado.
As etapas escalonadas pelo tempo de vida
são cumpridas com uma absoluta obstinação:
como poderia deixar de ser?

Mas não é isso que me define.
A ânsia.
O desejo de ir mais além.
Mesmo que o preço seja a dor e a miséria.

XXVIII

Invejo o discurso que outros exploram.
Pelo facto simples de não ter sido engendrado
dentro de mim.
Surge-me desconhecido
mesmo quando a originalidade escasseia.

A outra face do mistério.
Haver povos e países
e pessoas que inventam um pensamento
juntando frases presentes
ao legado de frases passadas.
Como se faz futuro o universo.

Euritmia o ritmo da respiração calma.
Cadência de ideias no clímax do ser.
Afrodisíaco que ajuda o homem
a sentir-se grande em face do incógnito.

Cosmos.
Uma possibilidade de nomear o inefável.
Correntes divergentes como linhas de força
que enchem o espaço de insinuações.

Humano desejo de desaparecer.
Fundir-se no lodo ou nas águas do mar.
Mãe!
Carícia que sobe à boca do prazer.

XXIX

Sinto a terra a respirar.
O sol está embutido na tarde finda.
O silêncio é uma abstracção.
Vozes e ruídos planificam a percepção.
Estou vivo!

Não há nada para ver.
Horizonte de água e a terra firme.
As pessoas desertam a rua.
O vento lambe as folhas das árvores.

Sou deserto.
Nem um só sentimento pessoal.
O futuro não me preocupa.
Eterno se a mentira for possível.
Na encruzilhada que define a opção.

Antigamente escrevia uma razão.
Mesmo quando velada pelo sentir selvagem.
Hoje transcrevo-me no poema
com a sensação de não atingir o pensamento.

Mas o que importa é.
Isso basta-me.
Como um jogo necessário e fatal
onde quem ganha perde-se no labirinto.

Uma pergunta.
Um desfibrar de olhos que vêm.
Terra e mar e um espírito sublime.
A palavra que se fere para viver a palavra.

XXX

Estou insatisfeito com as proezas poéticas do século.
Um espelho será sempre a mentira.
Um desejo não basta para transformar o homem.
E acabado o gozo tudo recomeça.

Na dor e na rotina.
Mas o hábito suaviza o destino.
Pondo em perigo a vida, chama exequível.

Quisera ler outros livros.
Mais humanos e centrados na feroz odisseia
que vive o homem moderno.

Mas leio arquitecturas de uma fobia
que quer desmentir a todo o custo o passado,
iludindo-se com a pretensa efemeridade
de um verso ultramoderno.

Não vejo sangue nem esperma.
Nem cheiro a merda nas realizações
que os poetas edificam com esmero:
só palavras, asseptizadas e moribundas.

Nem um só sinal da existência do tesão.
Como se fosse apanágio da pré-história.
Como se o homem tivesse deixado de ser um animal.
Só leio o brilho manchego de acrobacias.

Intelectual versus instinto.
A velha dicotomia debaixo da nova pele.
E todos contentes assistimos ao desastre.
Pudesse a minha vida fertilizar o deserto.

QUARTA PARTE

I

Sagrado o pão.
Quando a fome é mais visceral que o egoísmo.
Sagrado o vinho.
Quando a sede é um tormento dos sentidos.

Simplicidade complexa a dos homens:
puro fazer e desfazer da memória.
Luz branca que desflora o medo e o tédio.
A carne rebela-se contra o domínio.

O salto.
O caminho capaz de oferecer paz e amor.
Aquele que escrevo conhece-me bem.
Sou eu, a resposta do teu olhar inquiridor.

O corpo da mulher.
O seu perfume como dádiva da terra.
A carícia de uns cabelos imprecisos.
O calor selvagem de um interior fecundo.

Tenho vontade de percorrer o mistério.
A vida desdobra-se em sinais do tempo,
noite e dia, emprego e descanso,
esquecemos que ninguém sabe o nosso destino.

Criar ilusões.
Pensar que o futuro será um passado
para aqueles que não podem ainda existir,
sentir pelos filhos um amor redentor.

Revejo os meus pais envelhecidos,
quanta ternura no meu coração cansado:
amam-me mesmo sem me conhecerem,
porque me fizeram homem um dia.

Mentalmente chamo aqueles que amei:
homens e mulheres perdidos na terra,
cada um cumprindo um destino,
todos sujeitos ao capricho do acaso.

Somos nós a história.
Não as ideias que sobre ela se escrevem
nos sumptuosos livros.
Somos nós o passado e o futuro.

Gravemente caminhando sem sentido.
Uns fixos ao torrão,
outros voando como doidos pássaros
à procura de uma comida impossível.

Dizemo-nos bom dia
e encontramos-nos casualmente
para contarmos o que já foi vivido.
Sempre a surpresa e a compaixão.

Compreendo-vos.
Nascemos perdidos na alegria e no sofrimento,
tentamos criar raízes nos sedimentos
que ensopam a vida quotidiana.

Também eu minto.
Para que a vida seja humanamente suportável,
para que o sonho vença o tédio
e a infecunda necessidade de caos.

Também eu escrevo sentidos do perecível.
Paulatinamente.
Desejoso de um dia encontrar-me
para descobrir que tudo foi em vão.

Detesto pensar a vida em termos de luta.
Brotei de um desgosto que, paralelo
à história, não consegue iluminar
os homens.

Liberdade.
Cada verso e cada palavra dizem: liberdade.
Ser tudo ou nada,
de todas as maneiras, com todos os feitos.

A aventura prossegue.
O facho permanece nas mãos solitárias.
Virá um dia que cegará o mundo
para que os homens possam ver as almas.

Transparência total.
Cada discurso será verdade.
Desnecessária a mentira ou o engano.
Apenas o amor como meio e finalidade.

II

Uma esfera oca quem sou.
Nem alma nem corpo.
Um vazio que não sabe reter a plenitude.

Escrevo convicto de que não vou morrer.
Nada me diz que atingi a loucura.
Tudo se me antolha dentro dos limites
do possível.
A felicidade como o sublime ódio.

Reflecto sobre as coisas.
Mentira.
Vejo os objectos no mundo que me rodeia,
estou sozinho e a casa é um silêncio.

Não vi ninguém.
O vento sopra forte e frio.
Choveu esta manhã.
Acordei com música e fiquei absorto.

Nada fiz.
Comi para me manter em forma.
Saí de casa e fui à praia.
Sol e areia – o mar até ao longe.

Está tudo dito.
Sou feliz.
Cometi uma boa acção.
Mesmo se a lógica perdeu a razão de ser.

III

Tumultos de mim sobem e descem em mim
como cavalgadas passadas,
furores de tempestades que aliviaram a terra
e seduziram as pedras e as chuvas.

Grito para dentro.
Como um selvagem que se sente homem.
Na força que prodigalizo quando invento
uma poesia alicerçada no nada.

Não oro.
Não acredito que haja um ente supremo.
Sei o lodo e a vasa que o rio viagem deixa.
Engendro história para ser real.

Aqui, na escrita que incendeio,
lavo a podridão de uma mentalidade suja,
fermento a nova origem
e sopro as faúlhas da fogueira anímica.

Ser!
Abertura de tudo no corpo único do homem.
A aventura move-se ou estagna.
Mas a sensibilidade testemunha os meandros.

Cai sobre mim esta chuva de verão.
Profícua imagem de um tirocínio.
Caio sobre a terra e como o pó.
Virado para o sol fertilizo o sonho.

IV

Dei o passo.
Caí no abismo que me salva da indiferença.
Ou ódio ou amor.
Mas sobretudo uma intensidade de vida.

Sinto-me uma totalidade corpo e alma e espírito
que brota tal uma fonte impossível.
Retenho em mim uma extraordinária força.
Cada olhar que passeio traz-me a verdade da terra.

Uma comunhão com o mal e o bem.
Sem moral nem política.
Uma ligação que só o cosmos permite.
Uma conversa incapaz de melindres.

Sou eu, o perdido.
Aquele que bebeu a desgraça
e conheceu a terrível revelação do exílio,
sou eu que caminho sobre a terra.

Sombra e delírio.
A mulher esventrada de carinho
que me suplica para a encher de trevas.
Um filho é o compromisso que salva.

Grito às longínquas regiões do céu azul.
Aqui também a eternidade se veste
de efêmero e de absoluto.
Aqui também o homem é uma descoberta.

V

Transparência e limite o sonho da realidade.
Não quero saber.
Não quero tocar.
Basta-me a impressão de que estou vivo.

Não sou uma criança.
Perdi anos e ganhei cansaço.
Fundi-me aos espaços que explorei
e o tempo é um relógio que marca os dias.

Verão!
Desabrochamento total da consciência infeliz.
Estou vazio e não clamo o fértil desespero.
Vidro e metal na construção do momento.

Reduzido às forças da natureza.
Uma leveza que me faz perder terra.
A cabeça sobre os ombros, estranho pássaro.
A liberdade como manifestação do acaso.

Onde cheguei.
Poderei alguma vez ir mais além?
Sair da casa que me protege da fereza?
Para quê alimentar a dor?

Vivo entre um passado dorido e um futuro incógnito.
Não sei para onde vou.
Desconheço os homens que me acompanham.
Sei que pela primeira vez a vida é poética.

No terrível sigilo de uma alma incompleta.
Nas frases que distilo quando penso.
Nos sentidos que nascem e desaparecem.
O mesmo sinal: a mesma insofismável alegria.

VI

Pego fogo ao meu corpo.
Deixo-me morrer no simulacro da imagem.
Crepito como almas que viram o desassossego.
Ficam depois as cinzas branqueadas.

Estou completamente liberto da escravatura
que as palavras exerciam sobre mim.
Escrevo-as agora como se fossem seres
de quem eu me atrevo a ser pai e mãe.

Há em mim uma amplitude e um desastre.
Não me leias.
Não me corrompas com o esgar
da crítica que quer esqueleto e consolo.

Abre-me, dilacera-me até ao âmago
e come a substância dos meus dias.
Ofereço-te a minha vida
como aquele que não quer morrer.

Sim, compreende-me.
Terás um orgasmo maior que o medo.
Uma explosão de sentidos
centrada no único sentido do homem.

Ama-me como puderes.
Com raiva ou serenidade,
com paixão ou terror,
aprende o gosto do mundo que te ofereço.

VII

Lembro-me de ter usufruído do mais subtil prazer
aquando da leitura de certos homens.
De tal maneira esse gozo era agudo
que por vezes sentia em mim a outra sombra.

Não minto.
A carne brilha e escolhe o amor.
Assim me deixei percorrer pela inteligência
daqueles que pensaram o mundo.

Assim aprendi a reconhecer a minha história.
Sou uma ilha à deriva.
A palavra que profiro não é uma palavra.
Os livros que me escrevem nadam no sonho.

Tenho os olhos virados para o paradoxo.
A carne ama a paixão e o medo.
Grito que cliva o espaço do século.
Longe a multidão que labuta e sofre o tédio.

Quanto mais perto melhor.
Sinto a aventura como um espelho azedo
que tenta reflectir sobre a vida:
fujo do começo e estremeço diante do fim.

Amo a vida.
Visceralmente, como um animal acossado.
Amo o insentido de tudo
e este esforço para dizer o indizível.

VIII

Mas vem a hora em que tu te assumes
mil fragmentos de um diálogo
entre a realidade e o teu ser,
hora do medo e da terrível solidão.

Mesmo na profusão do delírio e no tumulto do gozo
subjaz a impressão de que estás só,
nascido único e pronto para morrer.

A revelação excruciante!
Camarinhas de um gélido suor sulcam veios
sobre a pele que protege o corpo,
e o espírito sucumbe
como um fruto podre que cai da árvore.

Miséria em toda a parte!
Vontade de gritar à pura ausência.
Vontade de criar uma mãe e um pai
e as carícias que desertam a idade.

Tenho o choro.
Soro do impossível que coarcta o limite,
falar poeticamente é um crime,
dizer no futuro traz ao homem puro
a dimensão de um horror que embalsama.

Fustigo a visão que me desarma.
Grito no simulacro do escrito.
Não saber e saber que tenho de ser.

IX

Esquece-te de tudo.
Vê uma auréola branca de nada.
No centro está este poema.

Fecha os olhos e respira.
Vives ainda.
Lês o que outros escreveram.
Meditações ou simples apontamentos
sobre a brevidade de um suspiro humano.

Mastiga cada palavra.
Diz mil vezes o verso que explode:
relê mentalmente os sentidos esventrados.
Depois, nada.

Aqui, o objecto e a mão amigável.
Um destino para que a poesia seja.
Uma visão espraçada no século.
Enganos e más interpretações.
A ilusão. O passo mal dado.

Quero que me ames.
Não me interessa o que pensas
da arte poética ou do valor do poema,
quero que me ames.

Estou tão só, e a vida dura.
Continua a dor, presença irrefragável.

X

Todo o dia debaixo desta inquietação.
Um mal-estar orgânico
que atinge o espírito e a alma.
Sinto-me.
Mas não basta.

Não suporto mais esta solidão.
Preciso de uns lábios que me falem,
de uns ouvidos que me ouçam,
de uns olhos que me meçam,
de umas mãos que me apalpem.

Não saí de casa.
O vento sibilou durante a tarde.
Sol e mar ao longe,
pessoas que passavam na rua em brasa.

Mas não saí.
Preso a uma angústia que me quebra.
Indisposto com a vida.
Incapaz de um estado próximo da paz.

Só o passado me visitou.
Terrível evocação.
Apercebi-me do significado.
Fiquei estático como um homem embriagado.

Agora a noite flutua na atmosfera,
não sei o que fazer.
O sono desperta-me os instintos.
A insónia prepara-se para me acometer.

Estou terrivelmente só.
Não consigo encarnar o sacrifício
que me ligaria ao mundo dos homens.

Mudo de dia para dia,
vento e sinfonia de nervos e ânsia,
mudo como o acme da intemperança,
como se a vida estivesse ameaçada.

Ver já me cansa.
Desejar deixa-me intrigadamente neutro.
Que vou fazer da minha vida?
Que caminho vou tomar,
que homens terei de conhecer,
que mulheres serão sensíveis ao meu amor?

Perdi-me e não acho a bóia.
Toda a vida assim, sem bengala.
Não posso mais.
Por que não aceito o destino medíocre
e feliz de toda a gente?
Já o tentei e não deu resultado.
Que fazer agora?

XI

Como um remorso antigo.
Esvaziado de toda a sensibilidade tento conter
o pouco que resta de mim.
Mas o desmaio é um facto irremediável.

Sou um homem triste.
Confuso no plexo da imaginação moderna,
incapaz de desvendar enigmas,
dolorosamente preso ao sentido inexistente.

Mutilado pelas experiências.
Com uma inteligência que não abre caminhos,
possuindo uma sensibilidade datada,
uma intuição que não se faz mundo.

Escrevo assim uma poesia impossível.
Impotente como as palavras que não mudam
a face corroída da terra,
a minha força esvai-se com o tempo.

Armei-me um estranho guerreiro da derrota.
Pesam-me as armas como o feto histórico,
só o sono me ilude trazendo-me descanso,
só a morte me acena com um riso redentor.

Ah! dar o passo.
A fímbria de uma luz que se perde.
Depois o escuro perpétuo sem mais nada.
Fria a terra.

XII

Trazer vida para a poesia.
Dizer com as palavras vadias o sentido
que se busca nas ruínas do tempo.

Aquele que escreve perfaz uma história:
nasceu dentro do século,
viveu na família com pais e irmãos,
foi à escola onde aprendeu.

Vive agora o clímax deste poema.
Escreve-o quando a noite lambe a terra,
deitado sobre um sofá na casa desconhecida,
tentando a todo o custo dizer vida.

Sou eu. Não tenham medo.
Um homem na confusão, no redemoinho,
vosso inimigo e vosso irmão,
um destino que se cumpre com amor e ódio.

Sou eu, leitor.
Com carne e olhos e vísceras,
uma vontade de permanecer humano,
um apelo vindo do desconhecido.

Século vinte, tanta carnificina!
Guerras e genocídios,
esperanças que duraram um brilho,
e sobretudo esta angústia impossível!

XIII

Dizer.

Espanto terebrante no seio da terra.
Nomear as coisas que cercam o homem
e proferir as frases que vivificam a alma.

Como uma carícia da mulher no sexo esmorecido.
Uma mão quente que cobre o animal
propagando-lhe calor e instinto.
Um hálito brando sobre o destino.

Digo que tenho ainda algo a dizer.
Faltam-me as palavras para atingir a verdade.
Possuo apenas breves reflexões
sobre o peso do mundo na minha inteligência.

A memória ferve de vacuidade.
Evoca cenas do perecível irremeável,
traduz benevolamente o mito,
alardeia uma existência improvável.

Tão simples dizer!
Digo que uma sombra entenebrece a paz.
Que o espírito sucumbe preso ao delírio.
Digo que a vida é dor e ilusão de alegria.

Quero continuar.
Mesmo soçobrando e comendo o pó do caminho,
mesmo tauxiado de miséria e de pus,
quero saber quanto possuo de vida.

XIV

Ctónico irromper de uma vibração anímica.
Não é um desassossego. Nem um alarme.
É um mal-estar indefinido.
Um mundo vivendo dentro de um sentido.

Desconhecido o silêncio.
Longe mas dentro de mim as vozes exíguas
que clamam e exigem perda e sacrifício.
Querem fogo e orgasmos infinitos.

Desço até ao fulcro de mim.
O desejo arvora-se incapaz de alvo.
O prazer é a realidade possível.
Mas como possuir a inexistência do ser?

Estou em frente do espelho.
Vejo a face que me povoa de amargura
e os olhos que desperdiçam mistério.
Reconheço-me como um homem amigo.

Mais nada.
Nem motivos de inteligência
nem arremessos de filosofia gasta:
apenas um rosto, o meu, que se desfibra.

XV

Fulmina-me por vezes a impressão de que estou preso.
Não sei porquê nem a quê.
Como se algo me contivesse nas suas redes,
coibindo-me de praticar a liberdade.

É uma impressão que vem com a noite.
Quando a terra dorme ao lado do homem
e eu velo,
os olhos distantes fixos no nada.

Terrível o peso da vida que se sabe.
Como uma explosão na clivagem do ser.
Um orgasmo final e sem remissão.
Um estertor ímpar.

Todo eu estremeço.
Saber ou pressentir é demasiado para mim.
Peço-me um pouco de inconsciência.
Amarro-me então ao sono vazio.

Mas as noites repetem-se como leis fatídicas.
E de cada vez o coração duvida
e pressente uma armadilha anímica:
qualquer coisa é-me e ignoro-a.

Uma necessidade de desgraça.
Não sei!
Talvez somente a amplitude do universo.
Um minúsculo brilho no esplendor do caos.

XVI

Quanto mais a noite avança
mais me perco.
Frente às estrelas do negrume do céu
assisto à liberdade do tempo intemporal.

Assisto e o espectáculo é terrível.
Nem um só par de mãos onde me agarrar.
Deserto o destino e a imagem contemporânea.
Frio o brilho na tela imperfeita.

Não quero ver.
Deixo a janela onde vivi o mistério
e caio sobre uma cadeira tecida de história,
em frente a brancura da parede.

Como outrora – lembro.
Há um fascínio enorme no ilimite enquadrado.
Que só hoje o homem pode compreender.
Revelação e êxtase, vivo-me dentro.

Mas é essa superfície que me delimita.
Sou um homem.
Nasci algures sobre a terra.
Tenho vivido o acaso e a vontade.

Dialoguei com o sofrimento.
Visitei e permaneci a miséria.
Saí do casulo para semear o sonho.
Eis-me aqui architectando palavras tredas.

XVII

O prazer final de me despossuir na escrita.
Ténue a ousadia.
O prazer e a beleza que o nada me inculca.
Um clima onde o sangue conhece a alegria.

Hora obnubilada pela acalmia do fim da tarde.
Falo-te do destino e das vicissitudes
que elevam a alma ao clímax,
as sombras tecendo hinos de raiva.

Uma inteligência agora impossível.
Olhos que vêem prisioneiros do que vêem.
Como um coito entre a morte e a vida.
Assim a criação de um poema.

Para que tu o leias, tempos depois.
Petrificado no ilegível de uma incógnita,
sem que o sentido seja evidente,
nem os rumos claramente perceptíveis.

Amei a ilusão: fazer-me terra e tudo e todos.
Regresso a mim, sustentáculo
de todas as viagens do corpo e do espírito.
Eu, ser único.

Contorno de silêncio no isolamento.
Um bafo quente na aridez diserta,
um calor que derrete o gelo do ódio
e faz o sol enrubescer de vergonha.

XVIII

Luz esta pacacidade em torno de mim.
Lusco-fusco onde aprendo o matiz do século,
no país onde nasci,
diante do mar que acena gaivotas.

Uma brisa suave ondulando como um gozo.
Gorjeio de invisíveis pássaros.
A terra é verão.
O amarelo substitui o verde aquoso.

Sou terrivelmente homem.
Sinto a falta da mulher ao meu lado,
precisava de uns olhos que me soubessem,
de umas mãos que me prendessem à terra.

Só na mulher a morte é serena.
Como um cansaço de anos findos na velhice.
Um encanecer que derrubou as ilusões.
Sorriso de esfinge, o teu apelo.

Aqui estou mais uma vez,
preso às palavras que me libertam,
tentando decifrar o clima da paz,
cometendo sempre os mesmos erros.

Para que a perfeição não exista.
Nem a monstruosidade.
Mas apenas um homem solitário
que lembra o calor uterino da mulher.

XIX

Sumariamente revejo as convulsões que acalentei.
Passado – um torrão de cal e de fezes.
Um invisível pasto para a saciedade evocadora,
mesmo se o esquecimento luz nas trevas.

Diante do pôr-do-sol medito.
Naquele que fui quando era criança,
nessoutro que percorreu o tempo dito da adolescência,
neste que enfrenta a vida agora.

Nem um só suspiro ou um azedo remorso.
Cometi todos os erros clássicos,
fui estúpido quando me pensava arguto
e no gesto de raiva atingi o humano.

Fiz-me pai.
Reconheci no berro primeiro
a carne que roubei ao meu corpo,
amei o choro e o riso da fragilidade.

Desliguei-me da mulher
quando a comunicação queimou as vozes,
cada um foi para o seu lado,
cada um tentará chegar ao porto de abrigo.

Custa-me acabar este poema.
Ainda estou demasiado perto do fogo
e as queimaduras demoram a cicatrizar.
Mas com o fogo aprendi que era novo.

XX

Hora alta da noite.
Sono.
Pálpebras negando veracidade ao real.
Mas escrevo.

Na busca de um momento feliz.
Puro retiro o da luz que deserta o dia.
Silêncio inumano perfazendo as veias
que o sangue percorre rotineiramente.

Quadrívios: estou vivo.
Sem espanto.
Animal racional que repensa os gestos
e repõe a vida num espelho sem imagem.

Cá dentro a noite.
Mãe fictícia que cruel desama o filho.
Eu, atolado até ao delírio frio.
Para que uma solução surja do caos.

Eleito pelo feitiço que me beijou a fronte.
Agora desfeito sobre a cama
choro uma estranha pena,
furtando o sentido de um futuro ameno.

Hora baixa da manhã.
Tanto sono!
Como se o ser desistisse da sua missão,
como se o cansaço petrificasse o homem.

XXI

Amo duvidosamente as palavras.
Retiro-as do tumulto da vida quotidiana
e edifico com elas reinos do imperecível,
visões que desmentem o real.

A casa onde vivo: palavras!
Quisera um dia sentir-me puro
para poder perfilhar todos os sonhos.
Mas só a queda é digna de canto.

Por isso me importo pouco com os planos.
Arquitecto impulsos e fachadas humanas,
indiferente à moda que galvaniza a hora,
impassível ao apelo de uma certa modernidade.

Só o abcesso me interessa.
O cerne de todos os meus problemas:
achar um caminho e um sentido
na confusão perpétua que enxameia o mundo.

Escrevo a ignorância sem brilho.
Cada palavra que projecto é um sinal
na encruzilhada da poética actual,
uma necessidade de paz e de clareza.

Por isso me apego à dor.
Animal imperfeito que busca no prélio
o alimento capaz de o saciar:
ser.

XXII

Plenamente convicto que desmereço a arte.
Estou longe,
singrando outros momentos do sonho.
Nem o futuro me é peculiar.

Vou tão perto que sufoco.
Para escrever um poema essencial
preciso de sofrer a alegria
que me dá a força e a medida do génio.

Se for possível.
Espera-se o recomeço da história.
Nada se desencadeia e o homem esmorece.
Por isso canto o desânimo e a cegueira.

Não sei se haverá um dia futuro,
onde tudo será brilho de ser e festa,
ignoro a direcção que toma a humanidade,
sei que não desejo sofrer.

Mas a crueldade existe.
E o masoquismo dos ciclos sociais.
E a política da infelicidade.
Sei-o bem demais.

Cada livro que leio e escrevo
traduz uma força que me liga à terra:
o espírito da época vive-me inquietação
e quando me dói a vida é a vida mais humana.

XXIII

Influxos da sensibilidade na opacidade da noite.
Choro terrivelmente aberto ao desconsolo.
Tudo ainda por recomeçar a viver sonho.
Nada mudou à superfície da terra.

Não falo do que sei.
Esbarro-me contra o enigma
e aí desfaleço,
na tentativa manchega de o desvendar.

Repito pateticamente as vozes do acaso.
Encho-me de coragem para me sentir inessencial.
Falho o meu intento: reproduzir o espírito
que se faz vida e história.

Sabendo contudo que não serei delido
com um escarro de sangue.
Demasiado da minha vida escorre pus
na dor que filtrei do real circundante.

Receio a minha verdade.
Insuportável brilho que se desprende do nada.
Aí edifico a minha esperança.
Mesmo que a vitória tarde a florir.

Cobri-me da simplicidade nula.
Percorro as estradas do país anímico
e em todas pressinto a chama da vida
que ilumina os poemas que não posso acabar.

XXIV

Possesso o delírio.
Amo a ambiguidade dos sentidos.
Aufiro da vida prazer e nojo.
Mas com o tempo soube coabitar o mundo.

Levanto-me e saio de casa.
Encontro os homens e mulheres do acaso
nos trabalhos que corrompem a liberdade,
trocamos experiências e brincadeiras.

Regresso a casa com um vazio.
Preciso de palavras.
Junto-as num poema
e depois leio maravilhado os estilhaços.

Perco horas a decifrar o jogo.
Aqui uma frase tão velha como o começo,
ali uma direcção inusitada,
além um clima que surge como novo.

Mesmo que a ilusão seja real.
O importante é não perder a batalha.
Resistir e ficar de pé com a lança fincada.
Para que a vida se proteja dos vermes.

Já habitei casas arruinadas.
Percorri cidades carcomidas pelo incêndio.
Agora procuro a ajuda do sol
para solidificar este poema.

XXV

Vou na nebulosa.
Vaga dor.
Arremessos do imprevisível.
Brilhos e poeiras: vida no turbilhão.

Um peso que acorrenta.
Nem é cansaço nem é alheamento.
Como se viver fosse impossível.
Como se a impossibilidade pudesse ser vivida.

Lá fora a rua em pleno dia.
Automóveis carregando poluição e ruído,
um calor que encharca os sentidos.
Vontade de desaparecer.

Fugir, bem longe, âmago da paz.
Aqui tudo é demasiado.
Os homens como os objectos.
Resta-me o sonho que não brota.

Viscosa membrana, a realidade.
Imperfeição das distâncias.
Eclosão de silvos e de sofrimentos.
Um vento que varre a consciência ferida.

Sangue!
A bebida que realiza o contemporâneo amor.
No cálice do acaso,
quando o desespero arranha a alma.

Vejo tudo enevoadado.
Deformidade.
Sinto que a vida se esvai.
Permanecendo contudo a presença do homem: eu.

XXVI

A manhã.
A luminosidade fria de um sol que promete.
O azul do mar na distância.
Eu que escrevo e vejo.

A rua deserta.
Longínquo o barulho de carros que passam.
Uma leve brisa em redor das árvores.
Eu que sinto.

Verão!
E contudo o coração não desabrocha.
Um estúpido espinho fere-o em sangue.
Uma memória do que poderia ter sido.

Se.
Se a vida fosse outra e noutro lugar.
Se o amor conseguisse vencer o mundo.
Se o homem se reduzisse a uma ambição de paz.

Fronde verdes balançando docemente.
O céu azul que cai sobre o mar azul escuro.
Longe, talvez, a chave do destino.
Ou pura ilusão.

Estou só.
Os dias sucedem-se percorrendo as horas convencionais:
as manhãs, as tardes, as noites.
Eu que as vivo e penso e observo.

Terrivelmente perdido.
Preciso de me mobilar de seres e de coisas.
De tocar novas mulheres libertas.
De ouvir o som iniludível do prazer.

XXVII

Escrever como eu os percalços da existência
na língua mais crua e aberta,
com todos os pormenores que alicerçam sentido,
com o sentido fito numa procura do ser.

Escrever a simplicidade de palavras
que não podem ser ditas,
a fereza de sentimentos que eclodem na alma,
a leveza estranha de uma memória.

Escrever o presente como está a ser vivido,
com os falhanços do quotidiano,
as fugas para o sonho,
a náusea que o corpo tece no acme do fogo.

Escrever a possível escrita.
Escolhendo as palavras mais puras do dicionário
que é a vida de todos os dias,
rotina e êxtase, mesmo com a consciência ferida.

Escrever a esperança.
Um futuro que em cada minuto se alcança,
enevoada forma do desejo,
tentativa perene de edificar uma alegria.

Escrever os momentos mortos,
o cansaço que se apodera do espírito,
a noite que se infiltra no dia,
o silêncio que significa tudo e nada.

Escrever com amor e ódio
a estranheza de uma terra habitada
pela santidade e pelo crime,
onde o homem é o fosso e a flecha.

XXVIII

Difícil poesia a que subjaz no meu canto.
Escrita com palavras que se adivinham,
tamisada pelo esplendor do que aponta,
febril como uma incompreensão.

Tento na lucidez que me cria
explorar o irrazoável de uma situação:
tudo se desmorona no reino do ocidente,
teima-se contudo em embalsamar o cadáver.

Ninguém acredita em nada.
Todos fingem que se levantam de manhã
e saem de casa para irem cumprir um dever,
ninguém vê a obra acabada.

Só efémero e perecível.
Nem uma só pedra da catedral impossível.
Os tempos mudaram – diz a canção.
E o homem?

Ei-lo que vai para o trabalho.
Leva o quê na cabeça protegida do sol?
Traz o quê quando regressa a casa?
Uma ilusão perdida, um cansaço?

Já nem a mulher o espera.
Também ela se levantou manhã cedo
para ir ganhar a vida,
sem saber que a está perdendo.

Mas crescem os filhos: rapazes e raparigas
sem pais nem irmãos,
na tentativa infecunda de derrubarem um mundo
sem saberem como substituir as ruínas.

Em tudo o desastre.
Homens há que mantêm o riso acéfalo
e pretendem não assistir à queda.
Outros sonham para se sentirem viver!

XXIX

Ali vai a adolescente.
Os seios nascentes cobertos pela decência.
Um andar coleante aprendido na sensualidade.
Um riso que deturpa a razão do século.

Pobre de mim que nunca a possuirei!
Estou demasiado velho – dizem –
para poder auferir de fruto tão verde.
As idades criaram-se para que a ordem vingue.

Queria tê-la nos braços
e abri-la como a uma demência insuportável.
Penetrá-la para saber que gosto
contém as suas entranhas.

Mas ela olha-me como se eu fosse seu pai.
Um senhor respeitável,
ou talvez não.
A insistência do meu olhar perturba-a.

Terei alguma vez coragem de ir ter
com uma jovem de catorze anos
e de lhe pedir que me dê a vida infrene
que se desfibra pelo corpo elástico?

Sinto-me puro, incapaz de crimes.
Pena que jovens mulheres ainda virgens
não queiram aprender no meu corpo
as batalhas perdidas e as ilusões gastas.

Seria uma duvidosa lição.
Um delírio.
Uma queda para um outro mundo.
Mundo onde a carne desconhece as leis.

XXX

É agora pleno dia.
O calor dilata-se como uma metamorfose metafórica.
Brisas suaves desligam-me da terra.
O sol faz irresistíveis apelos.

Aqui estou, testemunha deste tempo.
Aqui vivo e sou fraco e isento.
Aqui deixo a minha marca tersa.
Aqui perco e ganho um invisível sentido.

Não medito. Nem saberia como fazê-lo.
As palavras faltam-me embora não seja deserto
o sentimento que me eleva ao simulacro.
Estou simplesmente bem.

Em toda a parte, subindo da crosta terrestre,
o revérbero.
Também eu sou fornalha, espírito e efémero.
Só eu contenho o mistério.

Por isso escrevo.
Cada dia mais afastado da meta a atingir,
como se a luz fosse um eterno avanço
que o homem não pode tocar.

Sob pena de perecer violentamente.
Existe contudo a atracção.
A vontade de ir mais longe.
O secreto desejo de conhecer.

Por isso perco o caminho que trilho.
Caminho entre insinuações humanas e pedras,
em toda a parte assistindo ao espanto,
em mim vivendo a alegria e a dor.